

O PÁTIO

ANO XXV | N.º 127 | JUN-NOV 2025 | ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA

EPM-CELP investe na formação multimédia e nas competências digitais



ENTREVISTA | Jorge Monteiro
Embaixador de Portugal em Moçambique

A promoção da educação em língua portuguesa nos países de língua oficial portuguesa é uma prioridade central da nossa política externa.



Momentos

Iniciamos um novo ano letivo com o entusiasmo renovado de quem acredita na educação como um espaço de encontro, de crescimento e de responsabilidade partilhada. A EPM-CELP volta a abrir as suas portas aos alunos, às famílias e à comunidade, reafirmando a sua missão: formar cidadãos críticos, participativos e culturalmente conscientes, capazes de enfrentar os desafios de um mundo em rápida transformação, sem abdicar dos valores que sempre orientaram a nossa escola.

Entre as novidades do presente ano, destaca-se a abertura do Curso Profissional de Técnico Multimédia, um marco relevante na diversificação da nossa oferta formativa. Este curso, pensado para responder às exigências contemporâneas das indústrias criativas e tecnológicas, permitirá aos alunos desenvolver competências práticas e criativas num domínio cada vez mais imprescindível, aproximando-os do mercado de trabalho e incentivando a inovação no espaço escolar. É um investimento no futuro — no deles e, por extensão, no de todos nós.

Ainda no âmbito da construção de um ambiente educativo mais saudável e focado, entraram em vigor as novas políticas de utilização de telemóveis, que passam agora a ser proibidos no recinto escolar. Esta medida, pensada com ponderação e diálogo, visa promover a concentração, a convivência presencial e a segurança digital. As primeiras semanas mostram já sinais positivos: maior interação entre os alunos, maior autonomia nos momentos de estudo e um quotidiano escolar mais equilibrado.

Também o corpo docente prossegue o seu compromisso de atualização constante. A recente formação em Inteligência Artificial representa um passo importante para integrar de forma crítica e consciente estas ferramentas emergentes nos processos de ensino e aprendizagem. Trata-se não apenas de acompanhar a modernidade, mas de a compreender, de a questionar e de a transformar num recurso pedagógico útil e ético.

O ano letivo tem sido igualmente marcado por múltiplas iniciativas que enriquecem a vivência escolar. Celebrámos a Semana do Turismo, o Festival “Escolas com Livros”, o Dia do Professor, o Dia Mundial do Combate ao *Bullying*, o *World Clean Up Day*, ações de Literacia Financeira e diversos encontros desportivos. Cada uma destas atividades reforça a ideia de que educar implica abrir horizontes, estimular valores e proporcionar experiências que transcendem a sala de aula.

Recebemos também, com distinta honra, visitas institucionais de grande relevância, entre as quais a da Presidente da Ciência Viva e a do Embaixador de Portugal em Moçambique. Estes momentos fortalecem os laços

entre a escola, a comunidade científica e a diplomacia cultural, valorizando o papel da EPM-CELP como ponte entre realidades, saberes e culturas.

Com este novo número de O Pátio, queremos partilhar convosco não apenas acontecimentos, mas sobretudo o espírito que os acompanha: o de uma escola que se reinventa, que escuta, que acolhe e que se projeta para o futuro com confiança.

Desejamos um ano letivo pleno de descobertas, empenho e crescimento.

A CAP



- 6. ANO LETIVO** | Regresso às aulas marca novo ciclo na “Casa Amarela”.
- 9. POLO DA BEIRA** | 2025/2026 - Um novo começo, cheio de aprendizagens e conquistas!.
- 10. EPM-ARTE** | Quando a educação se torna um museu vivo.
- 14. REPORTAGEM ANTIGA ALUNA** | Ilundi Durão: Uma vida moldada pela consciência crítica.
- 16. MASTERCLASS** | Tocar os Abba e celebrar a Independência de Moçambique.
- 18. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL** | Formação reúne 40 docentes da EPM-CELP.
- 19. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL** | Entre o código e a consciência: Professores da EPM-CELP refletem sobre o papel da Inteligência Artificial na Educação.
- 21. ENTREVISTA** | A educação é um dos eixos centrais da cooperação entre Portugal e Moçambique.
- 24. COOPERAÇÃO** | Festival “Escola com Livros”: uma celebração da leitura e da criatividade.
- 26. ATIVIDADES** | Nas orelhas dos outros.
- 27. POLO DA BEIRA** | Uma Aventura à Boleia: Bruno Barbosa inspira Alunos da eira.
- 28. CIÊNCIA** | Ciência Viva visita EPM-CELP e partilha conhecimento com alunos.
- 32. ATIVIDADES** | Aprender com o mundo: alunos exploraram cultura tradicional em Eswatini.
- 33. FORMAÇÃO** | Curso Profissional de Técnico de Multimédia abre portas à criatividade e mercado digital.
- 34. ATIVIDADES** | EPM-CELP recolhe mais de 50 sacos de lixo na praia da Costa do Sol.
- 35. DESPORTO** | Regresso dos encontros desportivos celebra amizade e *fair play*.
- 36. ATIVIDADES** | EPM-CELP assinala Dia Mundial da Poupança com atividades interativas no Banco de Moçambique e no 1.º Ciclo.
- 37. ATIVIDADES** | “Há um pedaço de vocês em nós”: alunos e pais celebram professores da EPM-CELP.
- 38. ATIVIDADES** | EPM-CELP assinala Semana do Turismo com ação ambiental na Costa do Sol.
- 39. CRÍTICA LITERÁRIA** | Apreciação escrita de Cândido ou o Otimismo de Voltaire.
- 40. ATIVIDADES** | Ester Lourenço aproxima estudantes da ciência moçambicana.
- 41. VISITA OFICIAL** | “Os alunos devem sentir-se orgulhosos por frequentarem uma escola de excelência”.
- 42. ASSOCIAÇÃO DE PAIS** | Menos ecrãs, mais Escola: O que mudou desde que guardámos os telemóveis.



21. ENTREVISTA | Jorge Monteiro

Embaixador de Portugal em Moçambique

Da cooperação bilateral à expansão do ensino em Língua Portuguesa, passando pelo impacto da Inteligência Artificial, pela ética digital e pelo papel insubstituível dos professores, a entrevista com o Embaixador de Portugal em Moçambique, Jorge Manuel da Cunha Monteiro, mergulha nas tensões, dúvidas e possibilidades que hoje atravessam a escola, entre o humano e o tecnológico, a tradição e o risco, a revolução que já chegou e a capacidade dos Estados de a compreenderem a tempo.



10. EPM-ARTE | Quando a educação se torna um museu vivo.

Aqui, o ensino e a criação confundem-se: o espaço é escola, mas também um museu vivo.



19. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL | Entre o código e a consciência: Professores da EPM-CELP refletem sobre o papel da Inteligência Artificial na Educação.

Regresso às aulas marcou novo ciclo na “Casa Amarela”



O primeiro dia de setembro assinalou o regresso da vida escolar à Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), com corredores novamente cheios e a comunidade reunida para o início do ano letivo. O arranque foi acompanhado por um plano de acolhimento estruturado para todos os ciclos de ensino, do Pré-Escolar ao Secundário, refletindo uma preparação cuidada e um ambiente de confiança face aos desafios que se avizinham. Entre as novidades deste ano, destaca-se a implementação da nova política de utilização de telemóveis e dispositivos móveis, uma medida destinada a promover maior concentração, convivência e bem-estar, reforçando o carácter educativo da “Casa Amarela”.

No Pré-Escolar, o primeiro movimento coube aos pais. Antes da chegada das crianças, reuniram-se com as educadoras para conhecer procedimentos e rotinas. Foi uma manhã de confidências e partilhas — um verdadeiro ensaio antes da entrada dos pequenos protagonistas.

Situação semelhante viveu-se no 1.º ciclo, onde os pais, além das listas de material escolar, trouxeram também a expectativa e a ansiedade próprias de quem acompanha o início de uma nova etapa. As salas tornaram-se espaços de encontros que assinalaram um novo percurso escolar das crianças.

No 2.º ciclo, o ambiente

ganhou outro tom. Alunos do 5.º e 6.º anos, entre a infância e a adolescência, chegaram de mãos dadas com os pais para um encontro no refeitório. Corredores familiares, poucas novidades, mas a curiosidade manteve-se: quem serão os novos colegas, que professores os acompanharão, que histórias começarão a ser escritas?

A tarde abriu-se para o 3.º ciclo, com os alunos do 7.º e 8.º anos. Jovens à procura de território, dividiram-se entre a nostalgia do que ficou para trás e a expectativa do que aí vem. Acompanhados pelos diretores de turma, terminaram o encontro no refeitório, junto dos pais e encarregados de educação.



No dia seguinte, o ritmo continuou. Os mais pequenos, agora com mochilas às costas, ocuparam as salas numa primeira fase de adaptação, ainda sob o olhar atento dos pais. Os alunos do 9.º e do 10.º ano seguiram diretamente para as salas, onde participaram em atividades de receção, enquanto os do 11.º e 12.º anos regressaram à tarde, com a serenidade — e a consciência — de quem sente o futuro a aproximar-se.

Durante os dois dias de acolhimento, a organização foi exemplar: portões numerados, horários definidos, etapas bem traçadas. Mas o que realmente marcou o regresso às aulas foi o ambiente — a surpresa dos reencontros, a emoção dos que chegam pela primeira vez, o nervosismo discreto dos adolescentes e a nostalgia cúmplice dos pais.

Assim, a EPM-CELP abriu mais um capítulo da sua história em que o melhor ainda está por escrever.



Nova política de utilização de telemóveis reforça ambiente educativo e saudável na EPM-CELP

O arranque do ano letivo traz uma novidade importante: a implementação de uma política de limitação do uso de telemóveis, “smartwatches” e outros dispositivos móveis no espaço escolar.

A medida, que decorre das orientações do Ministério da Educação, Ciência e Inovação de Portugal, consagradas no Decreto-Lei n.º 95/2025, de 14 de agosto, visa promover um ambiente educativo mais saudável, favorecer a concentração e reforçar as relações interpessoais entre alunos e professores.

A decisão foi tomada pela Direção da Escola, com o parecer favorável do Conselho Pedagógico e em articulação com a Associação de Pais e Encarregados de Educação (APEE), num esforço conjunto para alinhar a instituição com as melhores práticas educativas internacionais.

A aplicação da medida abrange todos os ciclos e anos de escolaridade, estendendo-se a alunos, professores e funcionários, e vigorará em todo o espaço escolar, durante o horário de funcionamento da escola, incluindo os períodos não letivos.

Uma medida com base científica e pedagógica

Estudos realizados em vários países demonstram que a limitação do uso de dispositivos móveis nas

escolas contribui para a redução de comportamentos disruptivos, diminui situações de conflitualidade e violência, e melhora o desempenho académico. A EPM-CELP acompanha, assim, uma tendência global que associa o bem-estar escolar ao equilíbrio digital.

Quatro eixos de ação

A nova política da EPM-CELP assenta em quatro objetivos centrais, que combinam fundamentos pedagógicos, sociais e de saúde mental.

O primeiro passa por minimizar os fatores de distração, uma vez que notificações, redes sociais e jogos perturbam a concentração e o ritmo de aprendizagem. A limitação dos dispositivos procura, portanto, criar um ambiente mais propício ao foco e à atenção.

Outro eixo visa promover a interação social, incentivando o convívio presencial, o diálogo e o desenvolvimento de competências relacionais, essenciais à convivência e à cooperação. Ao reduzir a dependência dos ecrãs, a escola estimula também uma maior participação e movimento no espaço escolar.

Simultaneamente, a medida pretende reduzir o “ciberbullying” e a pressão social. Ao restringir o uso dos telemóveis durante o dia, os alunos ficam mais protegidos das pressões das redes sociais e de eventuais

incidentes de ciberagressão, favorecendo um ambiente mais seguro e equilibrado.

Por fim, a política busca fomentar comportamentos saudáveis, promovendo a calma, reduzindo a ansiedade e incentivando uma experiência escolar mais rica e diversificada, que contribua para um crescimento harmonioso e para o bem-estar geral da comunidade educativa.

Educação digital responsável

A nova política não pretende demonizar a tecnologia, mas educar para o seu uso responsável, preservando o espaço escolar como um lugar de aprendizagem, convivência e desenvolvimento integral.

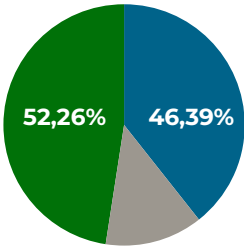
Importa referir que a implementação desta medida obedece a uma política regulamentar própria, orientada pelo bom senso na consideração de situações excecionais devidamente justificadas, de modo a garantir equilíbrio entre a disciplina e a flexibilidade que o quotidiano escolar exige.

A EPM-CELP reforça, assim, o seu compromisso com a qualidade educativa, alinhando a inovação tecnológica com a formação ética e humana dos seus alunos, um equilíbrio essencial para enfrentar os desafios do século XXI.

Ano Letivo 2025-2026

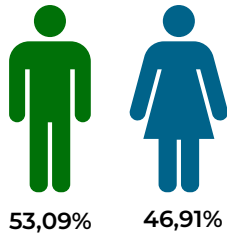
Alunos Matriculados 1.552

Nacionalidade

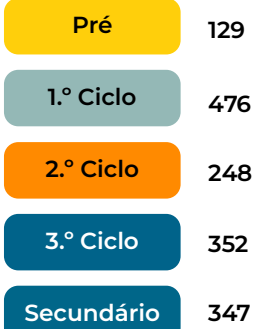


- Moçambique
- Portugal
- África do Sul
- Angola
- Brasil
- Cabo Verde
- Cuba
- EUA
- República Dominicana

Sexo



Ano Escolaridade



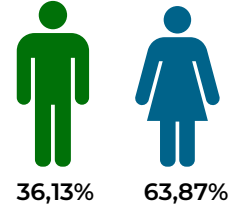
Ano Letivo 2025-2026

Polo Beira

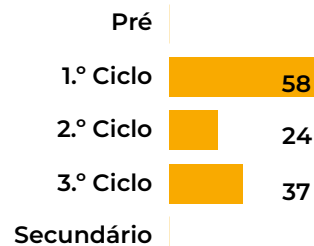
Nacionalidade



Sexo



Ano Escolaridade



Alunos Matriculados
119

SAE - CSC | Impresso a 19/09/2025

Comparando os anos letivos 2024-2025 e 2025-2026, os dados revelam uma EPM-CELP em transformação no perfil dos alunos, embora estruturalmente estável no que toca ao corpo de funcionários, docentes e não docentes. O número total de estudantes, por exemplo, registou uma ligeira queda, passando de 1.610 para 1.552, facto também registado no Polo da Beira, onde houve redução de 122 para 119 alunos.

A nacionalidade moçambicana continua a representar a ampla maioria dos estudantes, embora com uma descida significativa na percentagem global: 92,62% em 2024-2025 e 88,24% em 2025-2026. Portugal e Brasil mantêm proporções semelhantes às do ano anterior, enquanto outras nacionalidades ganham espaço, reforçando a diversidade cultural na comunidade escolar.

Apesar de o 1.º Ciclo continuar a reunir o maior número de alunos, o Ensino Secundário regista crescimento relevante em 2025-2026, passando a ocupar uma fatia maior das matrículas. A instituição mantém 311 funcionários ao longo dos dois anos. A divisão entre docentes (161) e não docentes (150) permanece intacta, evidenciando estabilidade organizacional.

Funcionários

311

Categoria	Sede	Polo da Beira	Total Geral
Não Docente	134	16	150
Docente	140	21	161
Total Geral	274	37	311

Sexo	Sede	Polo da Beira	Total Geral
F	167	15	182
M	107	22	129
Total Geral	274	37	311

Nacionalidade	Sede	Polo da Beira	Total Geral
Moçambique	141	31	172
Portugal	130	6	136
Argentina	1		1
Brasil	1		1
Espanha	1		1
Total Geral	274	37	311

2025/2026 - Um novo começo, cheio de aprendizagens e conquistas!

No dia 1 de setembro de 2025, o polo da Beira da Escola Portuguesa de Moçambique abriu as portas para receber os alunos e os encarregados de educação num dia muito especial: a apresentação do novo ano letivo.

Durante a manhã, foi a vez dos alunos do 1.º ciclo conhecerem os seus professores, colegas e espaços escolares. Já durante a tarde, o encontro foi dedicado aos alunos do 2.º e 3.º ciclos.

Este momento serviu não só para dar as boas-vindas, mas também para conversar sobre os aspetos mais importantes para o bom funcionamento das aulas, reforçando a colaboração entre a escola e as famílias.

O Polo da Beira da Escola Portuguesa de Moçambique deseja a todos um excelente regresso às aulas. Que este ano letivo traga muitas aprendizagens, amizades e conquistas!

Bem-vindos e votos de um ótimo ano letivo 2025/2026!



Polo da Beira lançou novo sítio oficial para Aproximar Comunidade Escolar

O Polo da Beira da Escola Portuguesa de Moçambique lançou um novo *site* oficial, moderno e acessível, que promete aproximar toda a comunidade educativa e facilitar o acesso a informações, avisos e conteúdos relevantes.

O novo portal pretende centralizar todas as comunicações, avisos e informações relevantes, permitindo uma partilha mais rápida, transparente e eficaz de conteúdos. A iniciativa reflete o compromisso da escola em utilizar ferramentas digitais para aproximar alunos, famílias, professores e funcionários, criando um canal direto e atualizado sobre a vida escolar.

Apesar do lançamento do *site*, o email institucional continuará a ser o meio privilegiado de comunicação direta, sendo recomendado para contactos individuais, pedidos de informação ou envio de documentação.

Com esta renovação, a Direção reforça a aposta numa escola mais digital, comunicativa e próxima de todos, incentivando

alunos, encarregados de educação e docentes a visitarem regularmente a página e a manterem-se sempre informados sobre as novidades e atividades do Polo da Beira.

O novo *site* já se encontra disponível e pode ser consultado por toda a comunidade escolar, oferecendo uma experiência de navegação simples, moderna e intuitiva.



EPM-CELP e a arte:

quando a educação se torna um museu vivo

Na Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), a arte transcende as paredes e ganha vida própria. Não está apenas exposta, mas permeia o ambiente, desafiando o espaço e dialogando com os sentidos. Os quadros de Malangatana, presentes nos corredores, relatam vivências e história de uma nação. Reinata Sadimba, com a serenidade de suas obras em barro, evoca a profundidade da tradição. Shikhani quebra o silêncio com formas que serpenteiam e distorcem o tempo. E Nino Trindade, por sua vez, captura o pulsar da cidade em cada pincelada. Nesse espaço, ensino e criação se entrelaçam, fazendo da escola um verdadeiro museu vivo, onde cada canto respira arte.

Um museu em movimento

Trata-se de um acervo plural, em permanente diálogo com o tempo, que faz da escola uma verdadeira geografia de estéticas e memórias. Embora físico, a EPM-CELP não é um museu estático. As paredes transformam-se com as exposições temporárias e definitivas, os projetos de artes visuais, as residências artísticas e os encontros entre criadores e alunos. Há oficinas de cerâmica, performances, pintura ao vivo, conversas sobre o processo criativo e até erros partilhados. É esse caráter vivo e



experimental que distingue a escola, não apenas pela posse de um acervo valioso, mas pela sua capacidade de fazer da arte um processo educativo contínuo.

Num tempo em que a sociedade tende à informatização e ao imediato, a escola oferece o oposto: tempo para ver, escutar e pensar. A arte, aqui, é ferramenta de leitura do mundo e os alunos aprendem que a beleza é também uma forma de resistência, e que se educar é, em parte, aprender a sentir.

Esta coleção, que perfaz mais de 20 anos, não é apenas um acervo artístico, é, antes, um património educativo, uma herança de sensibilidades que atravessa gerações. Cada obra é uma aula, um livro sem palavras, uma lição que se aprende pelo olhar.



Malangatana: o espírito que não sai da parede

É impossível falar deste acervo sem começar por ele. Malangatana Valente Ngwenya, o pintor que desenhou o país antes de ele ter forma, habita a escola com a força dos mitos. As suas obras – muitas delas de 2003, 2005 e 2009 – carregam o gesto inconfundível, o olhar dilatado, as figuras entrelaçadas, o caos simbólico que é, afinal, uma representação da nossa humanidade.

Nas obras, algumas

trabalhadas em parceria com as crianças do Pré-Escolar, em 2009, para serem vendidas e as suas receitas reverterem para o Centro Cultural de Matalana, onde o artista desenvolveu atividades sociais e culturais em benefício das comunidades locais, Malangatana trabalhou lado a lado com os pequenotes na exploração das formas e cores. Captada a imaginação das crianças, o mestre desenhou, então, a lápis de cera, os traços definitivos.

Na EPM-CELP, o seu trabalho não está guardado em vitrines. Está vivo e passa-se diante dele todos os dias, nos intervalos e nas aulas,

misturado com o som dos passos e das vozes. É um convívio silencioso, mas cheio de vibração. As crianças olham, os adolescentes interpretam e os professores recordam que a arte, quando está ao alcance do olhar, educa o cívico e o emocional.

Para além das obras, o seu manancial é também recordado ao ponto de ter sido homenageado como Patrono da Sala de Artes Visuais da escola.

Reinata Sadimba: o barro como memória

Nos corredores e gabinetes, a cerâmica ganha corpo e ternura com Reinata Sadimba. As suas esculturas, entre elas mulheres de seios firmes, rostos alargados e gestos maternais, parecem erguerem-se do chão ou dos armários para contar histórias antigas. Reinata é a terra em pessoa: o barro como metáfora da mulher e do país, moldado com dor, fé e alegria.

Num espaço onde convivem crianças moçambicanas, portuguesas e de outras nacionalidades, a presença de Reinata é uma lição sobre o feminino, a resistência e o poder de criar a partir do que se tem ou do que falta. E essa ligação intergeracional é o que torna o acervo tão singular: não é apenas um conjunto de obras, mas um espelho da identidade moçambicana a dialogar com o mundo.



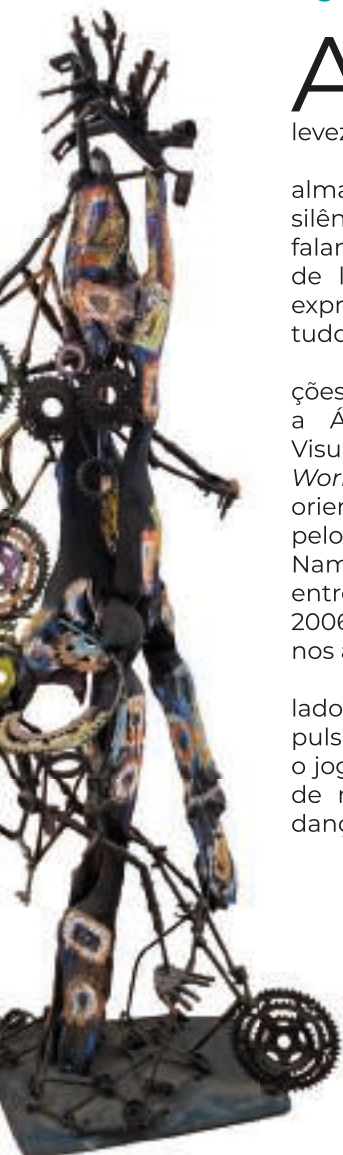
Shikhani e Nino Trindade: o grito e o gesto

Ainda aqui, nos corredores, convivem duas forças opostas: a intensidade de Shikhani e a leveza de Nino Trindade.

Shikhani, escultor e pintor de alma inquieta, é o grito que rasga o silêncio. As suas figuras distorcidas falam de sofrimento, mas também de libertação. A textura rugosa, a expressão convulsa, o traço nervoso... tudo nele é linguagem de resistência.

Em 2006, alusivo às celebrações do 7.º aniversário da EPM-CELP, a Área Disciplinar de Educação Visual e Tecnológica dinamizou um *Workshop* de desenho e pintura, orientado pelo mestre Shikhani e pelos professores Gumatsy e Calisto Namburete. O mesmo decorreu entre de 20 a 21 de novembro de 2006 e descortinou sentido artístico nos alunos participantes.

Nino Trindade, por outro lado, pinta a harmonia. É cor, ritmo e pulsação urbana. A geometria leve e o jogo de cores criam uma sensação de movimento, como se a cidade dançasse dentro da tela.



Calisto Namburete, Jorge Dias e Mankew: o encontro das linguagens



O acervo também fala o presente. Em Calisto Namburete, Jorge Dias e Mankew, a escola encontra a síntese entre o gesto clássico e a experimentação contemporânea, em três vozes distintas que dialogam com o tempo, a matéria e o olhar.

Namburete, professor desta escola, com o seu domínio do traço e da cor, resgata a disciplina da pintura como espaço de introspecção e rigor técnico. As suas composições equilibram o peso da tradição com uma inquietação moderna, como se cada tela fosse um estudo sobre o silêncio e a permanência.

Jorge Dias, por sua vez, introduz o corpo e o som no campo pictórico. As suas obras misturam pintura e performance, cor e memória, transformando a tela em palco de ideias. A sua presença no acervo reforça o papel da arte como provocação intelectual, ou talvez um exercício de pensamento e emoção.

Com Mankew, o discurso torna-se urbano e híbrido. O artista cruza graffiti, design e pintura, explorando os ritmos visuais da cidade e os gestos do quotidiano. As suas obras – datadas de 2003, 2006 e 2009 — algumas adquiridas pela escola e outras resultantes da exposição coletiva “Mulher: Rostos de Vida” (realizada de 11 a 18 de março de 2009) – testemunham um período de experimentação estética que aproximou a arte moçambicana das linguagens contemporâneas globais.

Juntos, estes artistas desenharam uma ponte entre gerações. Representam o momento em que o acervo da escola deixa de ser apenas memória para tornar-se diálogo: entre o simbólico e o digital, o antigo e o efémero, o gesto e a ideia.





Ilundi Durão: Uma vida moldada pela consciência crítica

Entre a crítica aprendida em casa, os doze anos numa escola plural como a Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) e a escolha da Sociologia, como seu cavalo de batalha, a antiga aluna, Ilundi Durão de Menezes, traça o seu percurso de vida marcado pela inclusão, pela empatia e pela vontade de transformar a sociedade.

Cresceu num lar onde a consciência crítica não era apenas ensinada, mas respirada. O ambiente, marcado pelo exercício constante de olhar o mundo com atenção e sentido de justiça, deixou marcas profundas no seu percurso. “Acho que foi uma mistura de duas coisas: personalidade e contexto. Já era alguém atenta e consciente, mas ter crescido nesse ambiente potenciou o que já estava em mim”, esclarece Ilundi, para quem o resultado foi uma vida conduzida por escolhas que sempre tentaram deixar uma contribuição – primeiro no percurso académico, depois no profissional, sobretudo no trabalho em organizações da sociedade civil.

No seu estilo característico, desde cedo quis mudar alguma

coisa. Não o mundo inteiro, mas pelo menos o seu espaço próximo, os rostos com quem se cruzava. Por isso, escolher Sociologia foi uma opção quase natural. Poderia, confessa, ter seguido Jornalismo ou Relações Internacionais, mas sempre em torno do mesmo desafio: compreender as pessoas, as relações, as estruturas e as desigualdades. E, sobretudo, encontrar pontos de aproximação com o outro, mesmo quando o outro é radicalmente diferente.

Durante doze anos, a EPM-CELP foi praticamente a sua segunda casa. Cresceu a celebrar o Natal, o Diwali e o Eid, sem exclusão, rodeada de uma diversidade que lhe abriu horizontes. “Foi essa possibilidade de construção de uma pessoa muito rica que me apaixonou, porque

interagi com realidades muito diferentes da minha. Isso foi muito bom”, conta.

Foi aqui, também, que a antiga aluna construiu outra família. Do primeiro ao décimo segundo ano, partilhou, com outros alunos de várias nacionalidades, religiões e crenças, a mesma sala, os mesmos desafios, as mesmas festas, os mesmos “problemas” da adolescência. Criaram, assim, uma comunidade quase familiar, testemunhando juntos a transformação da própria escola, que crescia em infraestruturas e potencialidades. “Onde era a minha cantina, já não é a minha cantina. É engraçado ver a escola de hoje e lembrar que viemos plantar árvores aqui, muito antes de imaginar que um dia seria o espaço que é”.

A lição da “turma problemática”

Apesar de se destacar como aluna, várias vezes reconhecida entre as melhores, Ilundi foi colocada na chamada Turma D, conhecida como “turma problemática”. Quando surgiu a proposta de transferi-la para uma turma de excelência, a mãe recusou, argumentando: “Se retirarem os melhores, quem vai apoiar os outros?”

E assim permaneceu, e aprendeu cedo que inclusão não se constrói pela separação, mas pela convivência. Apesar do ambiente turbulento, manteve o bom desempenho acadêmico e ganhou consciência de que, por vezes, é preciso sacrificar o conforto pessoal em prol de algo maior. “Foi difícil, mas foi bom. Espero ter contribuído de alguma forma. Muitos desses colegas continuam meus amigos até hoje”.

O privilégio e o peso da escolha

A sua trajetória foi sempre marcada por um paradoxo: viver o privilégio de estudar numa escola internacional e, ao mesmo tempo, construir uma sensibilidade voltada para quem nunca poderia estar naquele lugar. Essa tensão atravessou a adolescência e encontrou resposta na escolha da Sociologia.

“Todos nós ocupamos posições no mundo que não escolhemos. Eu não escolhi estar aqui, assim como alguém que não pôde estar não escolheu. O importante é termos consciência desse espaço e tentarmos criar pontos de aproximação”, comenta. E essa visão não veio só de casa. Professores da EPM-CELP desempenharam também papéis determinantes, como a docente que, recriando o currículo, introduziu a disciplina de História de Moçambique no ensino básico.

E cresceu assim, entre vários mundos. Por isso, recorda, após concluir o ensino secundário, partiu para a Universidade do Cabo, na África do Sul – uma decisão familiar (“não democrática”, admite com humor) sustentada pelo esforço da mãe. Enquanto a maioria das amigas seguiam para Portugal, ela foi para África do Sul, enfrentando uma adaptação dura, num contexto totalmente diferente.

Do inglês aprendido a partir do quinto ano do ensino básico na EPM-CELP às exigências académicas, também a diversidade da residência estudantil conseguiu abrir portas e acelerar a sua integração. “Vivíamos 600 raparigas num bloco, e em frente 600 rapazes, num universo de quase 1.500 estudantes de



todo o mundo. Isso obrigou-me a crescer, a abrir-me ao outro”.

A experiência, que no início pareceu uma limitação, transformou-se em vantagem. Estudar numa potência africana, inserida nos BRICS, numa fase tão formativa, obrigou-a a apurar mais rapidamente a sua consciência crítica. “Se tivesse ido logo para Portugal, talvez não tivesse amadurecido tão depressa”.

Entre ONG's e comunidades: a Sociologia posta à prova

Durante dez anos, Ilundi trabalhou em projetos de impacto social profundo, sobretudo no campo da saúde sexual e reprodutiva – no caso a *Nweti*. Do gabinete às comunidades mais remotas, precisou aprender códigos culturais, saudações em línguas diversas, hábitos de convivência, para ganhar confiança e criar proximidade.

“Tento sempre encontrar um elo de ligação. Desde o

cumprimento até ao modo como me sento numa reunião comunitária. Sem esse esforço, o trabalho não acontece”, explica. Mas, mais do que teoria, a Sociologia tornou-se prática diária, feita de empatia, disciplina e humildade para mudar de opinião. “Das coisas que mais prazer me dá é mudar de opinião. É sinal de que cresci”.

Hoje, numa nova fase, sonha erguer a sua própria empresa. A Sociologia continua a acompanhá-la, mesmo que de forma menos visível. “Sempre procurei trabalhos que me permitissem contribuir. Agora pergunto-me: será possível continuar esse caminho através do empreendedorismo?”

Não sabe ainda a resposta. Mas algo permanece sempre claro: a vida é um processo em construção. “O sonho está lá à frente. O importante é participar na construção”.

Masterclass 2025: tocar os Abba e cele



O concerto final da Masterclass 2025, que se realizou no dia 29 de junho, envolveu alunos, professores, artistas convidados e a orquestra e coro do Xiquitsi, num alinhamento que culminou com um tributo final aos ABBA – que não deixou ninguém indiferente. O concerto de 2025, depois de vários anos a ser realizado fora de portas, regressou este ano ao espaço da EPM-CELP e mais uma vez teve, para além do seu carácter pedagógico, a virtude de unir e celebrar a música e cultivar os talentos artísticos.

Na primeira parte do espetáculo, os Sopraninhos - alunos do pré-escolar e primeiro ciclo - abriram o concerto com “Nina Toc Toc”, “Xana Toc Toc” e um hino à família e ao continente, fazendo da componente musical um lugar de partilha afetiva. Seguiram-se os Paganinus, alunos de violino da classe de iniciação, com peças simples do método Suzuki como “*Twinkle Twinkle Little Star*” e “*Lightly Row*”, tocadas com surpreendente precisão.

Os Andantinos, integrando alunos do coro do primeiro e segundos ciclos, interpretaram melodias modernas como “*Even when I’m not*” ou “*Try Everything*”. Já os Pequenos



brar a Independência de Moçambique

Violinos, classe intermédia, trouxeram a palco as músicas mais avançadas do método Suzuki.

A primeira parte encerrou

com duas apresentações marcantes: o Coro e Orquestra da EPM-CELP, ao lado do Coro e Orquestra Xiquitsi, deram corpo e alma à “Balada Para

por “*Dancing Queen*”, “*Mamma Mia*” e “*The Winner Takes It All*”, as intérpretes — Ana Girão, Leandra Reis e Regina Dos Santos, juntamente com



as Minhas Filhas”, de José Mucavel, e ao tradicional “A Va Sati Va Lomu”, interpretado de forma poderosa por Xixel Langa, enfatizando a essência das suas origens.

Após o intervalo, o espetáculo transformou-se numa verdadeira celebração da música pop universal, com um tributo emocionante aos ABBA. Do primeiro acorde de “Gimme Gimme Gimme”, “Chiquitita”, ao final apoteótico com “*Thank You for the Music*”, passando

o coro e orquestra — juntaram-se num espetáculo harmónico e empolgante, trazendo para o presente um grupo musical dos anos 70.

O Hino da EPM-CELP, por sua vez, ressoou como uma afirmação de pertença a uma comunidade educativa. Um espetáculo feito com significado, com afeto e com harmonia, onde cada acorde encontrou espaço para respirar e onde cada nota serviu para lembrar que a educação artística não é adorno, mas um alicerce.



Formação em Inteligência Artificial reuniu 40 docentes da EPM-CELP



Entre 13 e 31 de outubro, 40 docentes da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, incluindo do Polo da Beira, participaram na formação “O ChatGPT como ferramenta de ensino e aprendizagem”, promovida pelo Centro de Formação da Casa do Professor (Portugal). A ação decorreu em regime pós-laboral, num total de 25 horas, combinando sessões síncronas via *Zoom* com trabalho autónomo em *Moodle*.

A formação teve como propósito apoiar os docentes no desenvolvimento de competências digitais e pedagógicas associadas ao uso da Inteligência Artificial Generativa (IAG), explorando o seu potencial e impacto no processo de ensino e aprendizagem. Ao longo das sessões, foram abordados diversos temas, nomeadamente:

- fundamentos da Inteligência Artificial e da IAG;
- desafios éticos e pedagógicos na utilização destas tecnologias;
- integração da IA nas práticas de ensino;
- criação de atividades e cenários de aprendizagem inovadores

com recurso ao *ChatGPT*.

A ação integrou ainda momentos de experimentação prática, análise de estudos de caso e debates sobre o papel da IA na educação contemporânea. Os docentes realizaram tarefas aplicadas às suas áreas disciplinares e elaboraram uma reflexão final, cumprindo os critérios de avaliação definidos pela Casa do

Professor.

A elevada adesão à iniciativa evidencia o compromisso da EPM-CELP com a inovação pedagógica e reforça o investimento contínuo na formação dos seus profissionais, contribuindo para a melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos.



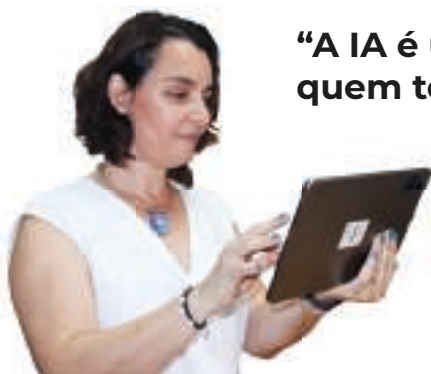
Entre o código e a consciência: Professores da EPM-CELP refletem sobre o papel da Inteligência Artificial na Educação



Num tempo em que a Inteligência Artificial se cruza cada vez mais com o cotidiano das escolas, professores da EPM-CELP partilham experiências, dúvidas e certezas sobre a integração destas ferramentas no ensino. Entre a curiosidade e a prudência, a inovação e o sentido crítico, emerge uma visão comum: a tecnologia pode ser uma poderosa aliada da aprendizagem, desde que usada com intenção, consciência e humanidade.

A professora Dora Vieira vê na IA uma parceira criativa que liberta tempo e estimula o pensamento crítico, sem substituir o olhar humano: “A máquina ajuda, mas não pensa por nós.” Já Paula Silveiro, com a serenidade de quem observa o fenómeno com rigor científico, reforça que a IA é apenas mais uma etapa na evolução tecnológica — útil, sim, mas carente de alma e discernimento.

Ambas concordam num ponto essencial: o futuro da educação não se decide entre humanos e máquinas, mas na forma como aprendemos a coexistir, ensinar e pensar com cabeça, intenção e humanidade.



“A IA é uma ferramenta, quem tem intenção somos nós”

Para a professora Dora Vieira, a Inteligência Artificial (IA) é uma ferramenta poderosa, mas depende sempre da intenção de quem a usa. Exploradora, curiosa e prática, começou a utilizar o ChatGPT no quotidiano e nas aulas, transformando-o em aliado da criatividade e da organização. Vê na IA uma forma de libertar tempo e estimular o pensamento crítico, desde que acompanhada por revisão, adaptação e sentido pedagógico. “A máquina ajuda, mas não pensa por nós”, afirma. Para Dora, o desafio está em usar a tecnologia com consciência e humanidade, fazendo dela parceira no processo de ensinar e aprender.

A professora Dora Vieira fala com entusiasmo, mas também com prudência, sobre a entrada da Inteligência Artificial (IA) nas rotinas escolares. A experiência começou em casa: “O pioneiro foi o meu marido, que começou a explorar o *ChatGPT*. Depois, os filhos passaram a usá-lo como um tutor de estudo. A curiosidade foi crescendo e eu comecei a experimentar também.”

A docente, determinada a compreender o potencial da ferramenta, decidiu fazer umas formações específicas: “Inscrevi-me numa ação de formação com horário definido, tarefas e colegas com quem

interagir. É muito diferente de andar sozinha à procura. Depois participei noutra, com um formador que já utilizava intensivamente a IAG, e ganhei mais ideias sobre como aplicar tudo isso na prática.”

Hoje, Dora utiliza o *ChatGPT* de forma integrada no seu quotidiano. “Tenho *dossiers* de tudo: desde temas das aulas, questões de saúde, e até receitas para a *airfryer*!” - ri-se... “Percebi que não se trata apenas de trabalho: a ferramenta tem potencial para simplificar várias dimensões da vida.”

No contexto pedagógico, Dora Vieira vê a IAG como um complemento ao trabalho docente,

mas não uma substituição. “Uso, por exemplo, para criar fichas de trabalho quando os manuais não são suficientemente completos. Peço ao chat para gerar exercícios sobre tópicos específicos e ele cria-os em minutos.” Contudo, alerta: “O perigo é acharmos que a tarefa está feita. Se eu não verificar o que foi produzido, se não me colocar no lugar do aluno, o resultado pode ser simplista ou errado. A IAG não tem intenção, quem tem intenção somos nós.”

Como resultado da sua experiência de manuseamento e produtividade, mesmo no setor pedagógico, Dora Vieira defende uma postura crítica e responsável na utilização

destas ferramentas. “É preciso ler, rever, adaptar. Tal como os alunos, também nós devemos compreender que o *ChatGPT* é apenas uma secretária obediente: faz o que lhe pedimos, mas não pensa por nós.”

Apesar das limitações da IA — “ainda não sabe distribuir bem as cotações dos testes!”, brinca — a professora valoriza o que considera o seu maior contributo: a inspiração criativa. “Peço ideias para abordar uma matéria de forma diferente, e ele dá-me sugestões inovadoras: dinâmicas, “scape rooms”, metodologias novas. Depois, claro, adapto tudo à minha turma. A partir do momento em que o trabalho passa pelas minhas mãos, torna-se meu.” Sobre as resistências que ainda persistem entre docentes, Dora é clara:

“Não vale a pena lutar contra o que não vai voltar atrás. A IA é irreversível, como foi a Internet. Temos de aprender a usá-la, em equipa, com os nossos valores e intencionalidade. Falar dela aos alunos, aprender com eles também. É um processo partilhado.”

A professora acredita que o perfil do professor e do aluno se redefine neste contexto, mas sem perder a essência: “Aprender é fazer. Sempre foi. A IA pode facilitar, mas o essencial continua a ser pôr as mãos na massa — experimentar, pensar, criar.”

Dora reconhece, no entanto, uma certa “clandestinidade” no uso da IA por parte dos alunos. “Eles usam, mas ainda têm receio de dizer aos professores. Acham que é batota.

É preciso desmistificar isso: usar bem não é enganar, é aprender melhor.” Com o seu olhar pragmático, Dora vê a IA como uma aliada da educação, não uma ameaça. “Ajuda-nos em tarefas rotineiras, liberta tempo e estimula o pensamento crítico. Mas a palavra final é sempre nossa. A máquina não pensa por nós, nem substitui o vínculo humano que é o coração do ensino.”

E conclui com o entusiasmo sereno de quem acredita no futuro: “Temos de trabalhar juntos: professores, alunos e tecnologia. Não para competir, mas para evoluir. É isso que significa aprender: estar sempre disposto a fazer melhor, com cabeça, com intenção e, claro, com humanidade.”



“A tecnologia é poderosa, mas não tem alma”

Professora de Ciências, de espírito curioso e pensamento rigoroso, Paula Silveiro, fala da Inteligência Artificial (IA) com a serenidade de quem a observa de perto, sem deslumbramentos. “Sou naturalmente curiosa. Sendo da área científica, preciso compreender o que me rodeia. Como fomos bombardeados com tanta informação sobre a IA, decidi experimentar, estudar e ver até onde podia ser útil.”

A docente utiliza sobretudo o *ChatGPT*, ferramenta que começou a explorar na versão gratuita e que hoje subscreve. “É uma plataforma muito útil e poderosa. Faz o que qualquer pessoa faria, alunos ou professores, mas com uma rapidez que nenhum método tradicional consegue igualar. É como ter uma biblioteca inteira pronta a responder em segundos.”

No entanto, a professora sublinha que o uso da Inteligência Artificial Generativa deve ser criterioso e orientado pelo pensamento crítico. “Utilizo o *ChatGPT* para planear aulas, recolher ideias, elaborar perguntas e comparar teorias. Não o uso para criar testes, nem para resolver problemas científicos complexos. Na engenharia, por exemplo, ele falha quando precisa de interpretar contextos abertos. Matematicamente pode estar certo, mas falta-lhe alguma lógica. Falta-lhe alma e não é suposto ter alma.”

Com humor e clareza, distingue inteligência de consciência. “As máquinas são inteligentes, mas não têm consciência. Não sabem distinguir o bem do mal, nem avaliar a dimensão ética de uma decisão. São programadas para atingir objetivos, mesmo que o caminho não

seja moralmente aceitável. Por isso, é fundamental que o ser humano supervisione sempre a máquina.”

Em contexto pedagógico, Paula vê na IA uma aliada, mas não uma substituta. “Uso-a como um motor de busca mais eficiente. Antes tinha de analisar dezenas de *sites* para preparar um tema; agora obtenho sugestões imediatas. Isso poupa tempo e abre espaço para pensar melhor. Mas o essencial é o que vem depois: comparar, discutir, avaliar. O aluno não pode confiar cegamente na máquina. O professor também não.”

A docente defende que o espírito crítico é a competência central da educação contemporânea. “Posso pedir aos alunos que façam um resumo no *ChatGPT*, mas o importante é o que fazemos com esse texto: comparar, corrigir, perceber se as alterações fazem sentido à luz do que se aprende nos livros ou com o professor. A máquina não pode pensar por nós.”

Com quatro décadas de ensino e uma carreira marcada pela adaptação — “já dei aulas na Ásia, em África e na Europa” —, Paula considera que a IA é apenas mais uma etapa na longa história de evolução tecnológica. “Quando surgiu o computador, resistimos; com o e-mail, estranhámos; e hoje ninguém vive sem eles. O mesmo acontecerá com a IA. Veio para ficar, e cabe-nos

aprender a usá-la bem.”

Reconhece, contudo, que a velocidade da evolução tecnológica desafia a capacidade humana de acompanhar. “A máquina desenvolve-se mais rápido do que conseguimos perceber. Mas o problema não está na tecnologia, está na forma como a usamos. Precisamos de regras, como quando surgiram os primeiros automóveis, não os eliminámos, aprendemos a conduzi-los.”

Paula encara o futuro com equilíbrio. “Não adianta negar as evidências: os alunos já utilizam estas ferramentas. O nosso papel é ensiná-los a fazê-lo com sentido crítico, a distinguir o que é verdadeiro do que é fabricado. O conhecimento é o filtro que impede que se acredite em tudo. Como digo sempre: quem não sabe nada, acredita em tudo.”

Para a professora, o desafio maior é conciliar conhecimento e processo. “Hoje privilegia-se o método em detrimento da base. Mas não há raciocínio sem conhecimento. É preciso conhecer para poder pensar, comparar e criar.”

E conclui com a serenidade de quem vive a docência como vocação: “O professor tem de ser um ser adaptável. As tecnologias mudam, os alunos mudam, mas a essência continua a mesma — ensinar a pensar. A IA é uma ferramenta extraordinária, mas é o olhar humano que continua a dar sentido a tudo o resto.



A educação é um dos eixos centrais da cooperação entre Portugal e Moçambique

Num contexto em que a educação se tornou o campo de batalha mais sensível da transformação tecnológica global, Portugal e Moçambique enfrentam o desafio comum de preparar gerações para um mundo em transmutações rápidas que nem as políticas conseguem acompanhar. Da cooperação bilateral à expansão do ensino em Língua Portuguesa, passando pelo impacto da Inteligência Artificial, pela ética digital e pelo papel insubstituível dos professores, a entrevista com o Embaixador de Portugal em Moçambique, Jorge Manuel da Cunha Monteiro, mergulha nas tensões, dúvidas e possibilidades que hoje atravessam a escola, entre o humano e o tecnológico, a tradição e o risco, a revolução que já chegou e a capacidade dos Estados de a compreenderem a tempo.

De que forma é que as políticas educativas de Portugal e Moçambique acompanham o ritmo acelerado da evolução científica e tecnológica?

As escolas portuguesas seguem os planos curriculares portugueses e o Ministério da Educação procura acompanhar o desenvolvimento tecnológico e incorporá-lo nos métodos e programas de ensino. Por isso, têm sido introduzidas alterações designadamente ao nível da utilização de ferramentas digitais, que permitem maximizar o recurso às tecnologias

para promover um ensino mais eficaz. A utilização de novas tecnologias e ferramentas digitais sofreu uma aceleração durante o período da pandemia, tendo sido fundamental para permitir a continuidade do processo de aprendizagem, sem interrupções significativas. Recentemente, em Moçambique, no seguimento das manifestações pós-eleitorais, em que houve também um período em que a comunidade escolar deixou de se deslocar à escola, essa experiência foi novamente utilizada, tendo sido

possível minimizar o impacto da paralisação do ensino normal, recorrendo a ferramentas digitais.

Qual é o impacto das novas tecnologias na educação, nomeadamente a Inteligência Artificial?

Os impactos das novas tecnologias na educação estão ainda a ser avaliados, a nível global. Mas, atualmente, parece evidente que a introdução progressiva de ferramentas ligadas à Inteligência Artificial (IA) em todos os domínios das nossas vidas é

uma realidade que veio para ficar. Acredito que as ferramentas que a IA proporciona poderão ajudar a comunidade escolar a maximizar objetivos e resultados, através, por exemplo, do acesso facilitado a conteúdos formativos, da melhoria da capacidade de processamento de informação e de uma maior facilidade de interação de diferentes áreas do saber. Mas, obviamente que o papel dos professores continua a ser fundamental na promoção de uma utilização equilibrada das ferramentas, percebendo os limites e os riscos que estas também poderão acarretar para a comunidade escolar.

E nesse papel do professor como equaciona a componente humana?

O papel dos educadores é e deverá continuar a ser fundamental. São eles que conhecem de perto o aluno, a realidade de cada turma e as dinâmicas de uma sala de aula. Os professores, melhor do que ninguém, conhecem essa realidade diversa e multidimensional, em que existem momentos e níveis de aprendizagem diferentes. Por conseguinte, o elemento humano continuará a ser fundamental. O equilíbrio entre a utilização da tecnologia e dos chamados “métodos tradicionais” de ensino é essencial e será a chave para um ensino de qualidade e mais eficaz. Não podemos voltar as costas às novas tecnologias, porque elas fazem parte da nossa vida, da nossa realidade. E a escola desempenha um papel crucial, porque, juntamente com as famílias, pode ajudar os jovens a desenvolver uma abordagem equilibrada sobre a utilização das novas tecnologias, compreendendo as vantagens e as desvantagens, os riscos e o potencial que essas tecnologias encerram. Eu creio que é a partir desse equilíbrio que poderemos ter uma vida e uma aprendizagem mais saudável e eficaz.

E em termos de formação de professores, uma redefinição do perfil do professor será algo necessário?

Creio que não será necessária uma



revolução ao nível da formação dos professores. Mas, creio que os professores também têm de se adaptar. Aliás, são os professores, provavelmente, os que se encontram melhor posicionados para perceberem de que forma a introdução de novas tecnologias poderá ajudá-los a serem mais eficazes na transmissão de conhecimentos e competências. Um dos papéis fundamentais dos professores, que muitas vezes não é referido, não consiste apenas na transmissão de conhecimentos: os professores servem para estimular a curiosidade intelectual, a vontade de pesquisar. Esse, para mim, é o papel fundamental de um professor. Uma boa utilização das novas tecnologias e da inteligência artificial, poderá ser um complemento para criar um ambiente mais estimulante para que os alunos desenvolvam essa curiosidade intelectual, essa vontade de aprender mais, de expandir conhecimentos. Será bem-sucedido e feliz o professor que consiga suscitar estas qualidades num aluno, porque mais do que a transmissão enciclopédica de conhecimentos, a missão principal de qualquer educador é “plantar” nos alunos a curiosidade pelo conhecimento.

Em que medida a inteligência artificial poderá afetar os princípios e as dinâmicas éticas que orientam os processos educativos e a vida no geral?

A ética educativa mantém valores e princípios desenvolvidos ao longo do tempo, que necessitam agora de integrar as novas tecnologias, entre outras inovações tais como a inteligência artificial. Mas, os princípios fundamentais, como a equidade, a universalidade, a qualidade do ensino, bem como a inovação e o método científico, devem ser preservados e potenciados através, precisamente, do uso dessas novas tecnologias. A inteligência artificial e a expansão da utilização dos ecrãs, dos telemóveis, da internet e de outras formas de

conectividade, exigem novas abordagens. Devemos procurar discutir os impactos que a introdução progressiva destas tecnologias vai tendo na aprendizagem dos alunos, na sua motivação, no despertar da sua curiosidade para quererem ir mais além, à medida que vamos fazendo os ajustes necessários. Estamos perante um daqueles momentos da História em que estudamos uma revolução enquanto ela acontece. É como aprender a pilotar um avião já em movimento. Peso que deveremos estar muito despertos para estas questões da utilização ética das novas tecnologias para fazermos os ajustes que se justifiquem e que, no fundo, contribuam para aquilo que é essencial: a melhoria da aprendizagem, a formação integral de jovens com uma consciência ética e com curiosidade intelectual.

Como situa a sua opinião nos limites não claramente definidos em termos da legitimação ou não do recurso, por exemplo, ao Chat GPT?

Eu também tenho refletido muito sobre a utilização das ferramentas de Inteligência Artificial. Creio que estamos a viver uma revolução extraordinária, que deveremos procurar compreender melhor para avaliarmos de que forma poderá ajudar-nos a melhorar a nossa qualidade de vida, a aprendizagem e a qualidade do trabalho que produzimos. Isto não quer dizer que agora um professor distribui uma tarefa e os alunos recorrem ao *Chat GPT* para obter uma resposta, obviamente que isso seria paradoxal. Quem fizer isso não estará a tirar o devido partido dessa ferramenta. Essa ferramenta, vejo-a como um instrumento que possibilita um acesso mais rápido a um conjunto de fontes de informação e de cruzamento de dados que, até há bem pouco tempo, levariam provavelmente dias, semanas, meses a obter e a investigar. No entanto, estas ferramentas não deverão substituir a nossa capacidade de análise, de



reflexão e de crítica. Como cada ser humano é um ser único no mundo, cada trabalho tem de transmitir também essa 'impressão digital' única de quem o faz. É importante que um professor, um avaliador, um docente, possa distinguir aquilo que é um trabalho produzido por uma ferramenta de inteligência artificial ou um trabalho produzido pelo aluno, com base nas múltiplas ferramentas de investigação que hoje em dia estão disponíveis. Eu ia até um pouco mais longe: na nossa aprendizagem, na transmissão daquilo que deve ser um comportamento ético para os nossos estudantes, aquilo que eu acabo de dizer também deve ser transmitido para que o próprio aluno, desenvolva essa consciência. Um aluno que se limite a fazer um "copy-paste" de um trabalho produzido por uma ferramenta de inteligência artificial não estará nunca a desenvolver todo o seu potencial e não será capaz de crescer intelectualmente como ser humano.

As máquinas começam a roçar o limite da consciência. A consciência e a alma continuam reservadas aos humanos?

Torna-se difícil antecipar até onde poderá levar-nos o progresso científico e tecnológico. A consciência e a alma parecem-me ser, no atual estágio de desenvolvimento, atributos exclusivos do ser humano. Daí que a utilização das máquinas deva ser sempre fruto de uma decisão humana, deva ser sempre motivada pelo objetivo de contribuir para a melhoria da condição humana. Creio que será difícil as máquinas substituírem no ser humano o sentimento de pertença a uma comunidade, a uma família, ou o sentimento de transcendência humana ou de ligação a algo superior como a religião.

Perante o fenómeno tecnológico de evolução vertiginosa, em que medida as políticas globais conseguem acompanhar?

Penso que estamos a viver a revolução tecnológica da história com um impacto mais profundo no ser humano. E, ao mesmo tempo, é a revolução mais rápida que alguma vez vivemos. A revolução industrial levou alguns séculos a chegar à maioria dos pontos do globo. A revolução tecnológica atual está a acontecer em poucos anos, acelerando de forma exponencial as transformações com capacidade para alterar profundamente as nossas vidas. Isto é um problema: a realidade evolui mais rapidamente do que a nossa capacidade de regular a utilização das novas tecnologias como a

inteligência artificial. Por isso, vivemos uma situação em que não dispomos praticamente de instrumentos jurídicos internacionais que nos permitam regular as transformações tecnológicas que estão a decorrer. Creio que esta realidade reforça ainda mais o papel das escolas e das universidades na discussão, processamento de informação e apresentação de recomendações sobre os limites éticos e humanos de utilização das novas tecnologias. Existem muitos fora internacionais onde estas questões estão a ser ativamente discutidas, mas não podemos deixar de participar neste debate ao nível local, das comunidades onde nos inserimos. As escolas são o círculo mais próximo de cada indivíduo, de cada família, e deverão, por isso, discutir abordagens construtivas, equilibradas para permitir que estas ferramentas sejam integradas nos processos educativos, preservando o ser humano no centro do processo educativo e no centro da sociedade.

Como avalia o papel da Escola Portuguesa de Moçambique neste contexto?

A Escola Portuguesa de Maputo é um espaço de excelência para a discussão e implementação de adaptações que possam contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. Trata-se, desde logo, de uma escola que tem características muito especiais: é uma escola que aposta na qualidade, na excelência e na procura de uma melhoria permanente. Portanto, constitui um

ambiente ideal para que discussões como esta, que estamos aqui a ter, possam ser partilhadas por todos. Esse ensinamento poderá até servir de exemplo para outras escolas em Portugal. Por exemplo, a decisão que a Escola Portuguesa de Moçambique tomou em relação à exclusão do uso de telemóveis no contexto escolar é uma decisão que me parece fazer sentido e que se baseia na experiência que vem sendo colhida de situações semelhantes, mas também numa ampla discussão sobre a matéria. Por ora, o impacto parece estar a ser muito positivo e, segundo me foi reportado, desde a implementação desta medida, os alunos conversam mais, interagem mais, praticam mais desporto, vão também mais à enfermaria com os joelhos esfolados, e estes são, afinal, sinais de que, de facto, as tecnologias são importantes, mas o segredo do sucesso residirá na sua utilização mais equilibrada e responsável. A Escola Portuguesa possui uma comunidade multicultural, com alunos de todas as idades e proporciona um ambiente propício à partilha de experiências e de aprendizagens. A exclusão ou limitação do uso do telemóvel no contexto escolar potencia essa interação e partilha, ao mesmo tempo que proporciona uma preparação mais robusta dos seus alunos para poderem lidar com as tecnologias digitais de forma mais saudável e equilibrada.



Festival “Escolas com Livros” encerrou 12.^a edição entre poesia, amizade e aplausos



Na sexta-feira, 31 de outubro, o recinto da Escola Secundária Estrela Vermelha encheu-se de vozes, cor e emoção. Encerrava-se a 12.^a edição do Festival “Escolas com Livros”, uma celebração da leitura e da criatividade artística que, há mais de uma década, faz do livro um lugar de encontro entre gerações e sonhos.

À hora marcada para o início, do palco já se ouviam risos, danças, dramatizações e versos. Nas cadeiras, professores e alunos partilhavam a mesma emoção, a mesma certeza de que a leitura transforma. Antes disso, ao longo de duas semanas – de 6 a 16 de outubro – dezenas de escolas dos distritos de Maputo, Matola e Matutuine foram postas à prova em leitura, escrita e expressão artística. Os alunos do ensino primário e secundário apresentaram leituras, dramatizações, recontos de histórias e declamações de poemas, num testemunho do envolvimento crescente das escolas com a literatura moçambicana e lusófona.

Nesta edição, o primeiro lugar coube à Escola Secundária Estrela Vermelha, anfitriã do evento, que arrebatou o público com uma poderosa declamação de Xigubo, de José Craveirinha, sob orientação da professora Graça Moiane. Entre o compasso do tambor e o vigor das palavras, os alunos evocaram o espírito de combate e liberdade que

habita o poema.

Em segundo lugar ficou a Escola Primária Completa Maxaquene C, com a encenação de “A Rapariga Solitária”, tecida com canto, dança e poesia coral, sob coordenação das professoras Ivanilda Massingue e Maida Cumbane. “O que vale a alegria se não há partilha?”, perguntaram os alunos, numa coreografia de afetos, enquanto proclamavam: “A amizade é luz, a amizade é flor. É a força que aquece o nosso coração. Se estamos unidos,

podemos vencer”.

O terceiro lugar foi conquistado pela Escola Primária Completa Matchick Tchick, com a dramatização de “A Casa do Mickey Mouse”, uma história sobre a amizade como “a grande riqueza do homem”. Depois de receberem o prémio – um kit de livros oferecido pela EPM-CELP e pastas escolares cedidas pelo Ministério da Educação e Cultura – os alunos voltaram ao palco, revivendo a peça entre danças tradicionais, canções e brincadeiras de recreio,





num espetáculo vibrante de cor e ritmo.

No discurso de encerramento, a presidente da Comissão Administrativa Provisória da EPM-CELP, Luísa Antunes, destacou que “a realização deste evento é fruto da parceria com o Ministério da Educação e Cultura, que tem sido uma constante ao longo dos 26 anos de existência da escola”, acrescentando que “a sustentabilidade do projeto e a expansão para outras províncias continuam a ser compromissos centrais da EPM-CELP”.

O projeto *Mabuko Ya Hina* – Os Nossos Livros – atua atualmente nas províncias de Maputo, Gaza, Inhambane, Sofala e Nampula, com dez bibliotecas escolares e 61 malas de leitura que percorrem 67 escolas, levando histórias e conhecimento a alunos do ensino primário e secundário.

Entre os presentes destacaram-se Graça Cumbe, diretora nacional adjunta do Ensino Primário, o representante da Embaixada de Portugal em Moçambique, diretores de escolas, professores e parceiros do projeto.

Ano após ano, o Festival Escolas com Livros renova a convicção de que o livro não é apenas papel e tinta, mas também voz, corpo e imaginação, uma celebração viva da palavra que une escola, arte e comunidade.



Escolas que participaram

Dezenas de escolas da cidade de Maputo participaram no Festival e entre os destaques estiveram as interpretações de poemas de Cecília Meireles pela Escola Básica Polana Caniço A, a dramatização de “Wazi” na Comunitária Rainha da Paz, recontos apresentados pela Secundária Mateus Sansão Muthemba e pela Secundária 12 de Outubro, e ainda performances inspiradas em Mondlane, Alexandre Parafita ou José

Craveirinha.

As apresentações abrangem escolas de Maputo, Matola e Matutuine, revelando o crescente envolvimento dos alunos com a literatura e a criatividade. Do universo de obras apresentadas, surgiram dramatizações clássicas como “Hansel e Gretel”, temas contemporâneos como “A Casa do Mickey Mouse” ou “Crianças do Mundo”, e leituras de autores como Hilda Hist, Rui Sousa, Margarida Abrantes e Rafo Dias.

Nas orelhas dos outros

Com o propósito de chamar a atenção para este grave problema, comemora-se, no dia 21 de outubro, o Dia Mundial de combate ao *bullying* e a Biblioteca Escolar José Craveirinha (BEJC) não quis deixar de se associar a esta chamada de atenção mundial.

Além de partilhar algumas sugestões de leitura sobre o tema com a comunidade escolar, a BEJC dinamizou, no seu espaço, nos dias 17 e 21 de outubro, seis sessões da atividade “Nas orelhas dos outros”, dirigidas às seis turmas do 2.º ano de escolaridade, nas quais participaram cerca de 121 alunos.

Com os objetivos de promover a consciencialização, a empatia e o respeito pelo outro, de dar a conhecer as consequências, de incentivar a partilha com o adulto (professores, pais, familiares), estas sessões propiciaram a reflexão em torno desta problemática, partindo da leitura expressiva e da exploração da história “Orelhas de Borboleta”, texto de Luísa Aguilar e ilustração de André Neves, cuja leitura se recomenda vivamente.

Mara, assim se chama a personagem principal, é confrontada com repetidas situações de intimidação por parte dos seus colegas, no entanto, consegue ultrapassá-las com uma ajuda preciosa, que a ensinou a gerir aqueles momentos difíceis.

O comportamento de Mara e a forma como esta passou a reagir foram aspetos importantes para que os alunos percebessem como agir



quando confrontados com estes comportamentos. Tal levou à partilha de situações observadas e algumas vividas, em diferentes contextos. Retiraram-se conclusões sobre diferentes formas de *bullying*, sobre as razões pelas quais os “valentões” (bullies) adotam estes comportamentos intimidatórios, sobre como proceder quando se é alvo ou se quer ajudar um(a) amigo(a)/colega.

A finalizar a atividade, os alunos visionaram o curto vídeo “Pedra, papel, tesoura: diferentes entre

iguais”. A tesoura em vez de cortar o papel, ajudou-o, a folha de papel ajudou a pedra, a pedra e o papel deixaram de ter medo e fizeram novos amigos...

Brincar com alegria, ser cordial e correto, respeitar e ajudar foram os aspetos por todos mais destacados e todos concordaram que *bullying* não é brincadeira.

E ficou a importante promessa: vamos ser todos amigos!

Livros promocionais na Feira da EPM-CELP

A Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) realizou, de 25 a 28 de novembro, mais uma edição da Feira do Livro, um evento anual que celebra o livro e a leitura, promovido pela Biblioteca Escolar José Craveirinha (BEJC).

A feira, aberta ao público das 08h30 às 15h30, junto ao refeitório, contou com a exposição e venda de obras de vários géneros literários, disponibilizadas por editoras e livrarias

que têm acompanhado regularmente a iniciativa. Nesta edição, marcaram presença entidades como Edições EPM-CELP, Alcance Editores, Leya e Sequoia, oferecendo títulos a preços promocionais.

Inserida no âmbito do programa EPM aLeR⁺, a Feira do Livro tem como principal objetivo incentivar a leitura entre a comunidade educativa, aproximando-a do universo literário e promovendo o contacto direto com diferentes catálogos editoriais.



Uma Aventura à Boleia: Bruno Barbosa inspirou Alunos da Beira

O dia 9 de outubro transformou-se numa verdadeira janela aberta para o mundo no Polo da Beira. Os alunos do 2.º e 3.º ciclos receberam a visita de Bruno Barbosa, um viajante que percorre países, culturas e continentes... à boleia. A vinda do Bruno ao nosso Polo trouxe-nos novas perspetivas sobre viajar, aprender e enfrentar desafios com determinação.

Desde o primeiro momento, a atenção dos alunos foi captada pela simplicidade e autenticidade do convidado, que iniciou a sessão explicando como começou a sua aventura: uma mochila às costas, um sorriso sempre pronto e o desejo profundo de conhecer pessoas e lugares diferentes. Bruno partilhou que, muitas vezes, as melhores experiências surgem dos encontros inesperados, da hospitalidade de desconhecidos e da capacidade de confiar no caminho.

Ao longo da conversa, mostrou fotografias de alguns dos países por onde já passou e descreveu episódios marcantes — desde longas esperas na estrada a viagens improvisadas em veículos improváveis, passando por refeições típicas oferecidas por famílias locais e noites passadas em regiões remotas. Cada imagem projetada era acompanhada de uma história que despertava curiosidade e admiração entre os alunos.

O entusiasmo das turmas foi evidente nas inúmeras perguntas colocadas.

Bruno respondeu com naturalidade, sempre destacando que viajar não é apenas deslocar-se é sobretudo aprender, aceitar diferenças e superar medos. Reforçou que, muitas vezes, aquilo que parece assustador no início se transforma em experiências ricas e transformadoras.

“Viajar é aprender sobre o mundo, sobre os outros e sobre nós mesmos.” Esta foi a mensagem que o viajante deixou como inspiração final.

A sessão, marcada por risos, curiosidades e momentos de reflexão, terminou com uma certeza partilhada: o conhecimento não está apenas nos livros ou nas salas de aula; está também nas histórias de vida de quem se atreve a sonhar alto e a partir rumo ao desconhecido.

Este encontro não foi apenas



uma atividade diferente. Foi uma oportunidade de mostrar aos alunos que o mundo é vasto, diverso e cheio de possibilidades e que a

aprendizagem pode acontecer em qualquer esquina do planeta. Uma tarde que ficará, sem dúvida, na memória de todos.



Ciência Viva visitou EPM-CELP e partilhou conhecimento com alunos



A presidente da Ciência Viva e do Pavilhão do Conhecimento, Rosalia Vargas, a membro da Direção de Ciência Viva, Ivone Fachada, e o diretor executivo do Planetário do Porto – Ciência Viva, Filipe Pires, visitaram, de 15 a 17 de outubro, a EPM-CELP, onde, para além de explorarem os cantos e encantos científicos da Casa Amarela, partilharam o seu conhecimento com os alunos e professores.

No primeiro dia, a comitiva – acompanhada por membros da CAP, diplomatas da Embaixada de Portugal em Moçambique, representantes da Associação de Pais e Encarregados de Educação, professores e alunos – foi recebida no Auditório Carlos Paredes da escola, e, posteriormente, prosseguiu pelo 3.º piso, onde conheceu o novo espaço das artes da EPM-CELP, a “Alquimia das Artes”, que acolheu uma exposição de alunos, dedicada à obra do artista moçambicano Jorge Dias.

O espaço Mãos na Ciência foi palco de experimentações científicas conduzidas pelos alunos, que desafiaram e surpreenderam os visitantes. O encontro de saberes, curiosidade e partilha científica permitiu também

divulgar os trabalhos da escola em prol da Ciência e do Ambiente, além de avaliar os avanços tecnológicos e científicos da “casa amarela”.

Mas foi no auditório que a presidente da Ciência Viva anunciou a intenção de oferecer à EPM-CELP um Módulo de Exposição de divulgação científica, reforçando o compromisso da instituição com a promoção do conhecimento e da cultura científica entre os estudantes. Para Rosalia Vargas, a EPM-CELP “é uma escola muito especial, porque tem muita vida, muita alegria, e a melhor maneira que nós conhecemos de aprender é com alegria, não é? E, portanto, envolvendo os estudantes, as alunas e os alunos”, disse, sublinhando que “isso foi notório na maneira como fazem a visita guiada, como dizem e na paixão que põem naquilo que fizeram; a maneira como explicam é, de facto, isso que nós queremos numa escola”.

E elogiou ainda: “A EPM-CELP é uma escola que não só vive o futuro – porque já está a viver o futuro –, mas olha para o futuro. E, portanto, é uma escola cheia de esperança para os estudantes e para os professores. Vemos aqui

muitas áreas científicas e, de facto, é o sonho, porque também tem um museu dentro de uma escola”.

Questionado sobre a viabilidade de se construir um Centro de Ciência Viva na EPM-CELP, o diretor executivo do Planetário do Porto – Ciência Viva, Filipe Pires, respondeu que tudo “é mais uma questão de organização do espaço e de gestão de recursos humanos. Creio, por isso, que será viável talvez um espaço maior. O fator mais importante é que o conhecimento e os recursos humanos qualificados, já os têm”.

Segundo Filipe Pires, a visita visa, para além da demonstração da ciência, aprofundar a colaboração e partilha de sessões: “Temos muito gosto em partilhar as sessões que produzimos no Planetário do Porto com todos os membros da rede em Portugal, mas também com a rede internacional, e a Escola Portuguesa aqui, em Moçambique, faz parte dessa rede e é um parceiro como todos os outros”.

De acordo com Luísa Antunes, presidente da Comissão Administrativa Provisória (CAP) da Escola, a visita tem um significado especial. “Nós temos lá em cima a

exposição “Física no dia-a-dia”, inspirada na obra do professor Rómulo de Carvalho, em que, no fundo, são as divisões da casa associadas a conceitos de Física. Os alunos podem, com objetos do quotidiano, como água, cliques, painéis, colheres, fios, fazer experiências e perceber alguns dos princípios básicos da Física. A intenção com esta exposição e com todas as valências que temos lá em cima é

proporcionar aos alunos o gosto e o interesse pela ciência, pelo espírito crítico e pelo desenvolvimento da autonomia”.

Sobre a promessa da presidente Rosalia Vargas, de oferecer à escola um módulo de exposição de divulgação científica, a dirigente afirmou que é “tudo o que a escola mais precisa neste momento. Queremos ampliar as valências do espaço Mãos

na Ciência. Temos a ambição de criar uma sala multissensorial. Esse módulo que a doutora Rosalia Vargas nos vai oferecer é para o espaço exterior, ou seja, poderá ser visto por todos os alunos diariamente lá fora. Agora iremos procurar o melhor espaço para o colocar. Mas sim, vai ao encontro das nossas ambições, sem dúvida alguma”.

EPM-CELP e Planetário do Porto firmaram parceria para promoção da ciência



A EPM-CELP e o Planetário do Porto – Centro Ciência Viva, em Portugal, firmaram, no dia 15 de outubro, um memorando de entendimento que estabelece uma parceria estratégica para a promoção da literacia científica entre as duas instituições.

O acordo, sem fins lucrativos, prevê cooperação na área educacional e científica, com o objetivo de favorecer o acesso a conteúdos de qualidade, reforçar os laços pedagógicos e culturais e estimular o interesse dos jovens pela ciência. A iniciativa será operacionalizada através do programa “Mãos na Ciência – Clube de Ciência Viva na Escola”, que atua na EPM-CELP.

Segundo o memorando, o Planetário do Porto disponibilizará gratuitamente conteúdos audiovisuais, incluindo filmes e outros recursos didáticos utilizados nas suas atividades, para serem exibidos no âmbito do programa na Escola. Além disso, o Planetário apoiará projetos de benefício mútuo, incluindo deslocações, visitas e formações conjuntas.

Por sua vez, a EPM-CELP compromete-se a reconhecer publicamente o Planetário como parceiro

institucional, divulgar a colaboração em atividades de comunicação e eventos, e colaborar na formação e capacitação de professores e mediadores por meio de sessões online, oficinas e encontros.

O memorando, assinado por Luísa Antunes, presidente da Comissão Administrativa Provisória (CAP) da Escola e Filipe Pires, diretor executivo do Planetário do Porto – Ciência Viva, terá validade inicial de três anos, podendo ser renovado

mediante acordo entre as partes.

Para a EPM-CELP, a parceria representa uma oportunidade de expandir a educação científica, integrando recursos internacionais e experiências inovadoras em programas educativos locais. Já para o Planetário do Porto, trata-se de aprofundar laços internacionais e promover a ciência fora das fronteiras portuguesas, fortalecendo a presença e impacto da instituição em contextos educativos globais.



“Sem ciência, não há futuro” – Rosalia Vargas falou sobre partilha e conhecimento universal



Durante a sua visita à EPM-CELP, a presidente da Ciência Viva, Rosalia Vargas, destacou o entusiasmo e o empenho dos professores da escola, defendendo que o ensino da ciência deve integrar o questionamento e o pensamento crítico desde cedo. Para ela, a tecnologia deve ser entendida como uma ferramenta ao serviço da humanidade e não como uma força autónoma. “Em ciência e na sociedade, nada deve ser ignorado. O conhecimento é o nosso melhor escudo”.

Como avalia o papel da curiosidade e da experimentação no processo educativo?

O papel da curiosidade e da experimentação é o motor da aprendizagem. Hoje sabemos que se aprende de muitas maneiras e em muitos lugares. A escola não é o único sítio onde se aprende, mas continua a ser, talvez, o melhor. Porque é aquele que permanece inesquecível, onde os alunos socializam e crescem em conjunto. E, portanto, quando isso acontece com professores que estimulam a curiosidade e a pesquisa, temos o que é mais importante.

Tem defendido que a ciência deve estar próxima das pessoas. Como tornar a ciência mais acessível e inspiradora para as novas gerações, especialmente em contexto africano?

Essa pergunta é muito interessante, e difícil, por um lado, mas fácil pelo outro. De facto, a ciência é universal. Costuma-se dizer que a ciência é igual em todo o mundo. Quem quiser construir uma ponte, por exemplo, entre dois países, desenha a ponte e depois cada país começa a construir do seu lado. Veja o caso de Portugal e Espanha: somos vizinhos, e Espanha começa a construir do outro lado.

A verdade é que vão continuando e a ponte encontra-se bem, a meio, no sítio combinado. Isso significa, de uma forma muito simples, que o conhecimento científico deve ser partilhado. É um conhecimento universal e profundamente coletivo. Veja, por exemplo, os prémios Nobel: os da Química, da Medicina ou da Física são geralmente atribuídos a pequenos grupos, a equipas de três ou quatro investigadores. Isso mostra que a ciência é um processo; e um processo coletivo, muitas vezes com pessoas de diferentes países. Já não há aquela ideia do cientista fechado na sua torre de marfim, mas sim aberto à cooperação, à parceria. É assim que se constrói o conhecimento científico.

Mas, por outro lado, é muito interessante perceber que existe também um conhecimento que reside na cultura de cada país, um conhecimento ancestral, que é igualmente científico. Moçambique, a exemplo de outras culturas, tem um saber que existe há séculos e que

as populações foram apropriando, sem lhe chamar “ciência”, mas que tem base científica e tecnológica. É um saber transmitido de geração em geração. Por isso, podem surgir aqui novas máquinas agrícolas, novas formas de energia que são muito moçambicanas, que nascem dessa experiência local e não de outros países.

Em Portugal, por exemplo, temos uma cultura científica com raízes romanas e árabes, sobretudo no sul do país. É também um conhecimento ancestral. Isto quer dizer que o conhecimento científico – mesmo o moderno, ativo, empreendedor, atual – deve respeitar o saber de experiência feita, o saber das comunidades, que é próprio de cada lugar. E levar esse conhecimento ao entendimento do maior número de pessoas é, no fundo, o papel da cultura científica: proporcionar um conhecimento alargado e acessível ao conjunto da sociedade.

Quanto mais uma sociedade conhecer o conhecimento científico, os seus cientistas, quem são, que nomes têm, se são mulheres ou homens, que ciência produzem, que resultados obtêm, mais perguntas vai fazer. E isso é bom. Enche a sociedade de curiosidade, de vontade de compreender, e valoriza o conhecimento científico. É comum dizermos que a ciência está à nossa volta.

Na Ciência Viva, trabalhamos há três décadas em cultura científica

e aprendemos muito, uns com os outros e com muitos países. E hoje, mais do que nunca, é verdade o que sempre dissemos: sem ciência, não há futuro.

Será que a inteligência artificial possibilita uma autorregeneração da ciência para além da intervenção ou da intencionalidade humana?

Na verdade, a inteligência artificial resulta da inteligência humana. E esse é um binómio que não podemos esquecer, pois diz muito sobre o trabalho dos cientistas, das mulheres e dos homens da ciência que se dedicam a essas áreas de ponta, áreas de fronteira, que se desenvolvem a um ritmo avassalador.

Há quem olhe para a inteligência artificial como uma ferramenta, algo que está ao nosso serviço, simplesmente. E esse “simplesmente” significa muito. Mas há também quem veja na inteligência artificial uma força, uma esperança ainda maior, a do próprio desenvolvimento. Como se essa inteligência se fosse autoalimentando, crescendo a um ritmo que, talvez, um dia, pudesse dominar o mundo.

São perguntas que estão no ar, e não podemos ignorá-las. Em ciência, como na sociedade, nada deve ser ignorado. É preciso conhecer, ler o máximo possível, compreender como é que estas coisas funcionam, da melhor forma, para nós e para a sociedade. E, de facto, tudo o que diz respeito a essas matérias está hoje numa linha de investigação acelerada.

O Pavilhão do Conhecimento tem desenvolvido várias parcerias internacionais. Que oportunidades identifica para o maior envolvimento de Moçambique e de outras instituições da CPLP nestes programas?

Pois é precisamente isso que nós mais gostamos de fazer: cooperações. Pertencemos a várias redes internacionais de museus e centros de ciência e participamos em projetos europeus de grande dimensão. Cada projeto tem, por exemplo, doze, dezoito parcerias, em países com os quais queremos e precisamos de trabalhar. E todos trazem para o projeto uma enorme riqueza de conhecimento e de cultura.

Gosto muito de repetir o que o professor Mariano Gago, fundador da Ciência Viva, costumava dizer: “Ninguém sabe o suficiente para fazer tudo sozinho”. Isso significa: aprendam com os outros, partilhem conhecimento. Porque quando partilhamos conhecimento, estamos, na verdade, a receber conhecimento de

outros.

Por exemplo, hoje o Pavilhão do Conhecimento produz exposições interativas. Mas, para chegarmos a esse ponto, tivemos primeiro de aprender com quem já sabia e fazia há mais tempo. Fizemos parcerias com colegas da Finlândia, da França, da Holanda, e produzimos em conjunto exposições, colocando em comum não só ideias, mas também recursos financeiros, para tornar esses projetos possíveis.

Aprendemos muito. E hoje estamos, diria, ao nível dos melhores nestas áreas, em vários continentes, como produtores de exposições científicas. Portanto, o essencial é não estarmos fechados em nós próprios. Fazer parcerias é enriquecer o conhecimento, é ampliar horizontes, e, afinal, a ciência está à nossa volta e não podemos ignorá-la.

Num tempo em que o mundo se debate com a desinformação, que papel têm as escolas e os comunicadores de ciência na defesa da verdade e do conhecimento?

Isso é que é a pergunta de um milhão de dólares. Bom, a desinformação é resultado da superinformação que existe hoje em dia. A informação cresceu tanto, em tantos domínios, e a acessibilidade a essa informação aumentou de tal maneira que hoje vivemos mergulhados nela. Mas só passamos da informação ao conhecimento quando exercemos o nosso espírito crítico. Daí que a ciência, no seu olhar geral, é múltipla.

Não podemos olhar apenas para a STEM – ciência, tecnologia, engenharia e matemática –, temos que olhar também para as humanidades, para as artes, para a filosofia. Porque a filosofia ensina-nos a ser críticos, a questionar-nos. E, ao termos esse exercício de questionamento, estamos a fazer perguntas, a analisar um problema de vários ângulos, a procurar a confirmação daquilo que nos parece ser. Atingir a verdade do conhecimento é um processo difícil, muito difícil. E aquilo que os cientistas mais fazem é precisamente isso: conhecer por tentativa e erro.

Assumir essa postura dá-nos um olhar crítico que nos permite distinguir melhor o que pode não ser verdade. Repara que eu não digo “falso”. O falso é muito radical, mas “pode não ser verdade”. Temos que questionar. E como é que se faz isso? Buscando outras provas, ouvindo outras opiniões e, sobretudo, procurando factos. Fazer essa prova dos factos é fundamental.

E deve começar muito cedo, na

escola. Até pondo os alunos em situações de análise noticiosa, perante uma notícia, em jornais, televisões ou rádios, para que pesquisem e percebam a veracidade. Que ângulo lhes dá mais segurança nesse conhecimento?

A escola é fundamental também por isso. Porque os professores são facilitadores de conhecimento, e isso não é pouco, significa muito. Significa que estão a dar ferramentas aos estudantes para que sejam eles próprios a procurar o conhecimento, enquanto o professor acompanha, observa, orienta. É, de certa forma, um vigilante permanente.

Esse é o processo que hoje chamamos de *Inquiry-Based Science Education*, o conhecimento pelo questionamento. É um método que já não tem nada a ver com o modelo tradicional do “professor fala e os alunos recebem”. Eles facilmente se aborrecem. E o que queremos nas escolas, nas salas de aula, são alunos mais felizes, mais abertos, mais amantes do conhecimento. Distinguir as notícias falsas das verdadeiras é um processo de alerta, e é isso que eles aprendem.

Que desafios têm marcado a sua trajetória na direção do Pavilhão do Conhecimento, atualmente?

A questão é que não é só no Pavilhão do Conhecimento, é na Ciência Viva em geral. Porque a Ciência Viva é uma agência nacional para a cultura científica e tecnológica. É como um chapéu debaixo do qual nós criamos as redes. As redes são de museus e centros de ciência, como é o Pavilhão do Conhecimento, que é, digamos, o mentor de toda a rede.

Eu presido à agência Ciência Viva e dirijo o Pavilhão do Conhecimento. É lá a nossa sede. E depois temos as redes que são, de facto, o mais importante do nosso trabalho. O maior desafio que eu tenho é manter essas redes vivas.

Criá-las, eu não vou dizer que é fácil, também leva muito tempo. Mas fazemos, mais uma vez, com a ajuda das autarquias, do poder governamental nacional, das universidades, das instituições científicas... Não fazemos esse trabalho sozinhos. Criar essas redes, quer sejam as das escolas, dos Clubes Ciência Viva na Escola, das Quintas Ciência Viva, ou dos Centros Ciência Viva, é essencial. Os centros funcionam como hubs, como núcleos fortes de apoio a todos os outros projetos que temos em todo o país.

Aprender com o mundo: alunos exploraram cultura tradicional em Eswatini



Na manhã de 29 de novembro de 2025, 18 alunos do décimo segundo ano, da opção de Inglês, partiram para uma visita de dois dias ao Centro Cultural de Mlilwani, no Reino de Eswatini. A deslocação, organizada pelo professor de Inglês Abubacar Ibraimo, teve como propósito proporcionar uma aprendizagem direta sobre os costumes e tradições locais, em alinhamento com o conteúdo programático da disciplina “*Stolen Generations*” (Gerações Roubadas). A comitiva contou igualmente com a presença da coordenadora do ensino secundário, professora Ana Besteiro, e da presidente da CAP, Luísa Antunes.

Durante a estadia, os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar práticas culturais características daquela comunidade, incluindo a pernoita em habitações tradicionais. O convívio com a população local permitiu-lhes ainda participar em danças típicas, experiência que acolheram com grande entusiasmo.

No regresso, os participantes destacaram o carácter único e profundamente enriquecedor da visita, descrevendo-a como uma oportunidade inesquecível de aprendizagem e contacto intercultural.

Segundo a presidente da CAP, a deslocação representou uma oportunidade ímpar para os alunos



saírem do seu ambiente habitual e conhecerem um país que muitos nunca tinham visitado. Destacou que a experiência permitiu um contacto direto com uma cultura tradicional distinta, tornando-se particularmente relevante observar a abertura e o respeito demonstrados pelos estudantes ao longo das atividades realizadas na aldeia.

Referiu, por exemplo, a forma tranquila e entusiástica com que as alunas acolheram a necessidade de usar capulana — um gesto de respeito cultural, visto que o uso de calças ou calções não é permitido naquele contexto. Do mesmo modo, os rapazes envolveram-se

ativamente nas danças e práticas tradicionais, participando com naturalidade.

Luísa Antunes sublinhou ainda que a experiência não só promoveu o reconhecimento de traços identitários próprios, como também reforçou o valor da identidade cultural dos estudantes. Muitos estabeleceram paralelos com tradições moçambicanas — desde danças típicas até ao papel da mulher nas comunidades rurais — percebendo afinidades e refletindo sobre o património cultural que lhes é familiar. Para ela, a viagem permitiu simultaneamente resgatar e valorizar essa identidade.

Curso Profissional de Técnico de Multimédia abriu portas à criatividade e mercado digital

No ano letivo 2025/2026 a EPM-CELP oferece, pela primeira vez, o Curso Profissional de Técnico de Multimédia.

O curso está organizado nas áreas de formação Sociocultural, Científica e Tecnológica e ainda uma forte componente de Formação em Contexto de Trabalho. Os referenciais de formação, aprovados pelo Ministério de Educação encontram-se publicados na Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional

Apesar da forte componente técnica, área estruturante, todas as disciplinas concorrem para o objetivo global de proporcionar aos alunos uma formação prática e criativa nas áreas do design, audiovisual e tecnologias digitais.

O curso Profissional de Técnico de Multimédia vem responder à crescente necessidade de produção digital, preparando os alunos para atuar no universo da comunicação visual, audiovisual e digital, design gráfico, captação de imagem e som, edição, animação, programação e desenvolvimento de conteúdos multimédia. Desta



forma, permite o cruzamento com as áreas da Tecnologia, Comunicação e Cultura proporcionando aos alunos a integração ativa na sociedade digital.

O curso desenvolve-se ao longo de três anos letivos culminando com a apresentação de

um projeto de Prova de Aptidão Profissional. A sua conclusão confere dupla certificação permitindo aos alunos o ingresso no mercado de trabalho ou o prosseguimento de estudos.

Do design à fotografia: turma do 10.º ano descobriu Maputo

A turma do 10.º ano do Curso Profissional de Multimédia realizou, no passado dia 27 de novembro, uma visita de estudo que combinou contacto com o mundo profissional e a exploração cultural da cidade de Maputo.

Durante a manhã, os alunos visitaram a Brithol Michcoma,

empresa especializada em Design Gráfico, Conceção, Tipografia e Impressão de Alta Segurança. No local, os alunos tiveram oportunidade de conhecer de perto os processos usados na produção de materiais sensíveis, como cheques bancários, certificados, diplomas e diversos documentos governamentais,

compreendendo os sistemas e tecnologias de informação avançadas que garantem a sua autenticidade e segurança.

Foram ainda apresentados aos métodos de packaging especializado, uma área em que a empresa se destaca ao oferecer soluções de embalagens com preocupações sustentáveis e sacos com branding personalizável, destinados a diferentes setores. Neste setor os alunos tiveram a oportunidade de experimentar algumas técnicas de montagem e colagem das embalagens de papel.

Durante a tarde, após um piquenique no Jardim Tunduro, os alunos desenvolveram atividades práticas de captação de imagens, aplicando as técnicas aprendidas nas aulas. A atividade terminou com uma breve visita à Fortaleza de Maputo.

Esta visita proporcionou uma experiência completa, aliando aprendizagem técnica, contacto com o mercado de trabalho e valorização do património cultural da cidade.



EPM-CELP recolheu mais de 50 sacos de lixo na praia da Costa do Sol

A EPM-CELP juntou-se, mais uma vez, ao movimento global, *World CleanUp Day*, e retirou, em setembro, da praia da Costa do Sol, mais precisamente entre o Marítimo e o Baía Mall, mais de 50 sacos de 50kg de lixo diverso. Garrafas de plástico, copos descartáveis, vestuário, pratos, restos de vidro e outros resíduos foram recolhidos por dezenas de alunos, professores e encarregados de educação que, apesar da chuva que se fez sentir nas primeiras horas do dia, não se intimidaram e participaram ativamente na ação.

Para além de limpar, pretendeu-se com este movimento chamar a atenção da população para o destino do lixo e para a importância da preservação do meio ambiente, num trabalho que a Escola desenvolve há vários anos, em parceria com CEA Repensar, e que faz parte da educação para uma cidadania ativa.

A iniciativa contou ainda com a adesão espontânea de anónimos que se juntaram ao grupo, reforçando o espírito de cooperação comunitária que marcou a jornada.

A EPM-CELP participa regularmente em campanhas de limpeza de praia, nomeadamente no contexto do *World Clean Up Day*, através da Associação Estudantil UPA – Unidos pelo Ambiente.



Regresso dos encontros desportivos celebrou amizade e “fair play”

No dia 25 de outubro, a EPM-CELP promoveu uma jornada de encontros desportivos com várias escolas da cidade, celebrando o regresso dos intercâmbios escolares e o espírito de convivência saudável entre jovens atletas.

Os jogos envolveram alunos das modalidades de basquetebol, futsal e voleibol do Desporto Escolar da EPM-CELP, que receberam os seus congéneres da Maputo International School, ADDEEC Moz, Escola Primária das Mahotas, Trichardt School for Christian Education e Escola Primária e Secundária SOS Hermann Gmeiner - Maputo.

As competições decorreram em três áreas distintas, em simultâneo, e abrangeram diversos escalões: futsal masculino (Sub 12, Sub14 e Sub 16), futsal feminino (desde Sub 14 a Sub 18), basquetebol misto (Sub 16 e



Sub 18) e voleibol misto (Sub 16 e Sub 18).

Os jogadores dos professores Lino Mahanjane, Bruna Fernandes, Custódio Malenda, Maria Branca e Luís Malva puderam assim, finalmente, colocar em prática tudo o

que têm trabalhado nos treinos.

Este reencontro desportivo reforça o compromisso da EPM-CELP com a promoção de valores como o respeito, a inclusão e a cidadania ativa através do desporto escolar.

Equipa de Emergência simulou incêndio e resgate na EPM-CELP

No dia 25 de outubro, a Equipa de Emergência da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, integrada por Assistentes Operacionais, realizou um simulacro de incêndio e resgate de uma vítima inconsciente do interior de uma viatura automóvel no parque de estacionamento da escola.

O treino visa a aquisição de competências por parte da equipa, de modo a estar preparada para um eventual incidente desta natureza.

Os incêndios em viaturas são fenómenos recorrentes e de difícil combate devido às elevadas temperaturas que poderão ser atingidas, que exigem pessoal treinado para os combater.



EPM-CELP assinalou Dia Mundial da Poupança com atividades interativas no Banco de Moçambique e no 1.º Ciclo



Os alunos do 10.º ano, do Curso de Ciências Económicas e Sociais, e do 12.º ano do Curso de Ciências Económicas e Sociais, na disciplina de Economia C, da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), comemoraram no dia 31 de outubro, o Dia Mundial da Poupança com duas iniciativas complementares que envolveram várias turmas e diferentes níveis de ensino, reforçando o compromisso da escola com a promoção da literacia financeira, da cidadania económica e do desenvolvimento de competências essenciais para a vida adulta.

A visita de estudo ao Banco de Moçambique, integrada no âmbito do projeto de Educação Financeira da escola, procurou sensibilizar os alunos para a importância de uma gestão consciente e equilibrada do dinheiro, destacando a poupança como um hábito essencial para garantir segurança, estabilidade e realização de objetivos futuros.

Os estudantes foram incentivados a refletir sobre o impacto das suas escolhas financeiras no quotidiano e a compreender como pequenas decisões de poupança podem contribuir para o desenvolvimento económico sustentável.

Durante a visita, os alunos exploraram as diferentes galerias do Museu do Banco de Moçambique, observando a evolução histórica do dinheiro no país, desde as primeiras formas de troca até à atualidade, com o metical como moeda nacional. Os guias especializados apresentaram explicações sobre a função do Banco de Moçambique na regulação do sistema financeiro, emissão de moeda e promoção de políticas que incentivam a poupança e a literacia financeira entre os cidadãos.

As professoras salientaram que a literacia financeira é uma competência essencial para a vida adulta, pois permite tomar decisões responsáveis e prevenir situações de endividamento.

Acrescentaram ainda que visitas como esta ajudam os alunos a relacionar a teoria aprendida nas aulas com a realidade económica e financeira do país, tornando a aprendizagem mais significativa e prática.

Os alunos manifestaram grande entusiasmo com a experiência, reconhecendo que compreender o papel do sistema financeiro e o valor da poupança é fundamental para um futuro mais estável e informado.

A atividade reforçou o

compromisso da EPM-CELP em promover a literacia financeira, o espírito crítico e a cidadania económica, pilares indispensáveis para a formação de jovens conscientes e responsáveis. No mesmo dia, os estudantes do 12.º ano do Curso de Ciências Económicas e Sociais, na disciplina de Economia C, sob a orientação da professora Viviana Costa, organizaram e dinamizaram várias atividades práticas de Educação Financeira para os alunos do 1.º ciclo do ensino básico, com o propósito de incentivar hábitos de poupança e promover a literacia financeira desde a infância.

Durante a sessão, os alunos do 12.º ano desenvolveram um conjunto de atividades lúdico-pedagógicas, entre as quais “A Aventura da Moedinha Dourada” – uma história interativa que ajudou as crianças a compreender a importância de poupar e o valor do dinheiro no dia a dia; construção do “Cofre Mágico” em papel – atividade de recorte e montagem criativa, onde cada aluno do 1.º ciclo personalizou o seu cofre para começar a guardar pequenas poupanças; roda de conversa “Por que é importante poupar?” – momento de diálogo e partilha em que os mais pequenos apresentaram ideias e exemplos práticos de como poupar em casa e na escola.

Estas atividades procuraram traduzir conceitos económicos complexos em experiências simples e divertidas, ajudando as crianças a perceber que poupar é também uma forma de cuidar do futuro.

Ao assumirem o papel de “educadores financeiros”, os alunos do 12.º ano aplicaram os conhecimentos adquiridos nas aulas de Economia, desenvolvendo competências de comunicação, liderança e responsabilidade social.

A professora Viviana Costa destacou que “a literacia financeira é uma competência essencial para a vida e deve ser trabalhada desde cedo, para que as crianças aprendam a gerir o dinheiro de forma consciente e equilibrada”.

A comemoração do Dia Mundial da Poupança decorreu num ambiente de alegria, criatividade e espírito colaborativo, refletindo o compromisso da EPM-CELP com a promoção da literacia financeira e da cidadania económica responsável.

“Há um pedaço de vocês em nós”: alunos e pais celebraram professores da EPM-CELP



A Associação de Pais e Encarregados de Educação da EPM-CELP, em colaboração com os alunos, organizou, no dia 13 de outubro, um lanche comemorativo dedicado aos docentes, assinando o Dia do Professor. O encontro, realizado no átrio central da Escola, serviu para renovar os laços entre alunos, pais e docentes, sublinhando a sua missão e a relevância do seu trabalho na vida dos estudantes.

Em representação dos alunos, Khaylani Comiche, do 12.º B, destacou, num discurso emotivo, o papel transformador dos professores. Para ela, “ser docente é mais do que ensinar. É acreditar que o conhecimento transforma o mundo, é acreditar em cada ser presente na sala de aula, até quando nem sequer ele, aluno, acredita em si próprio. É repetir uma explicação quantas vezes forem precisas, com paciência, até que um olhar se ilumine com a compreensão”.

A aluna reconheceu ainda as dificuldades e desafios do quotidiano docente: “Sabemos que há dias cansativos, turmas agitadas, horários longos e muito pouco reconhecimento. Mas saibam que, por detrás de cada nota, cada caderno e cada teste, há um pedaço de vocês em nós”.

Em nome da Associação de Pais e Encarregados de Educação, Carolina Dias expressou igualmente a gratidão da comunidade,

sublinhando que “é imensa e já vem de longe... pois nós também fomos alunos. Mas agora, à gratidão juntamos o sincero reconhecimento pelo vosso trabalho, pois são vocês que nos ajudam a guiar e a preparar os nossos filhos para um futuro promissor. Com paciência e dedicação, e muitas vezes em contextos desafiadores, partilham conhecimento e valores, dando muito de vós a cada aluno”.

As comemorações terminaram com um lanche partilhado entre alunos, professores, pais, encarregados de educação, funcionários e membros da Comissão Administrativa Provisória, num ambiente de convivência.



EPM@work aproxima alunos do mundo profissional

Nos dias 23 e 24 de outubro, aproveitando a interrupção letiva do 1.º período, 111 alunos do 10.º, 11.º e 12.º anos tiveram a oportunidade para ter um primeiro contacto com o mundo profissional através da iniciativa *EPM@work*. Esta ação nasceu da vontade da Associação de Pais e Encarregados de Educação (APEE) da EPM-CELP à qual se juntou, desde logo, a cumplicidade da Coordenação do Ensino Secundário e a Direção da Escola.

Na sua 4.ª edição, o *EPM@work* contou com a colaboração de 34 organizações que, com muito entusiasmo e empenho, aceitaram este desafio de proporcionar uma manhã / tarde, um ou dois dias de experiência profissional, a alunos que se inscreveram nas diferentes vagas de acordo com as suas preferências.

O balanço desta edição é muito positivo: não só o número de alunos participantes duplicou bem como o número de organizações que aderiu. Quase 50% dos alunos tiveram uma experiência de um dia, 30 alunos acompanharam as atividades durante uma manhã e oito alunos estiveram a “estagiar” por dois dias completos.

De acordo com a autoavaliação realizada, para 60 alunos, esta experiência superou ou superou muito as suas expectativas, aos que se somam 40 alunos para os quais a experiência correspondeu ao que idealizaram. O acolhimento por parte das organizações e a partilha de conhecimento foram aspetos muito bem avaliados por quase todos os alunos.

Algo que motiva a APEE a continuar é sem dúvida perceber que mais de 100 alunos reconhecem aplicabilidade da iniciativa para o seu futuro e praticamente todos referem que gostariam de a repetir em áreas idênticas ou noutras.

Do lado das organizações, o retorno não podia ser mais entusiasmante, desde o momento em que confirmam poder acolher alunos, à sua posterior receção, passando pela organização prévia de programas diversificados e enriquecedores, que revelam o cuidado que colocam nesta colaboração.



EPM-CELP assinalou Semana do Turismo com ação ambiental na Costa do Sol

Os alunos do Curso Profissional de Técnico de Turismo da EPM-CELP participaram, no dia 22 de setembro, no lançamento da Semana do Turismo, que este ano decorreu sob o lema “Turismo e Transformação Sustentável”, com uma ação de plantio de mudas de casuarina na praia da Costa do Sol.

A iniciativa, que contou com a presença de Hélio Domingos dos Santos Neves, Diretor dos Serviços de Atividades Económicas da Cidade de Maputo, em representação do Secretário de Estado da Cidade de Maputo, teve como objetivo sensibilizar para a preservação ambiental e reforçar o papel da cidadania na sustentabilidade do setor.

Da parte da EPM-CELP, os alunos foram acompanhados por Luísa Antunes, presidente da CAP, e Sandra Macedo, diretora do Curso Profissional de Técnico de Turismo. Durante a abertura da exposição, concebida pelos estudantes para assinalar a efeméride, Luísa Antunes sublinhou o compromisso da escola com a consolidação deste curso, que em sete anos conquistou lugar de destaque na oferta educativa do

país.

Na Escola, a Semana do Turismo, que decorreu até o dia 26 de setembro, foi marcada pela mesma exposição e por diversas

atividades dinamizadas pelos alunos, reforçando a ligação entre formação académica, práticas sustentáveis e valorização do património turístico do país.



Apreciação escrita de Cândido ou o Otimismo de Voltaire

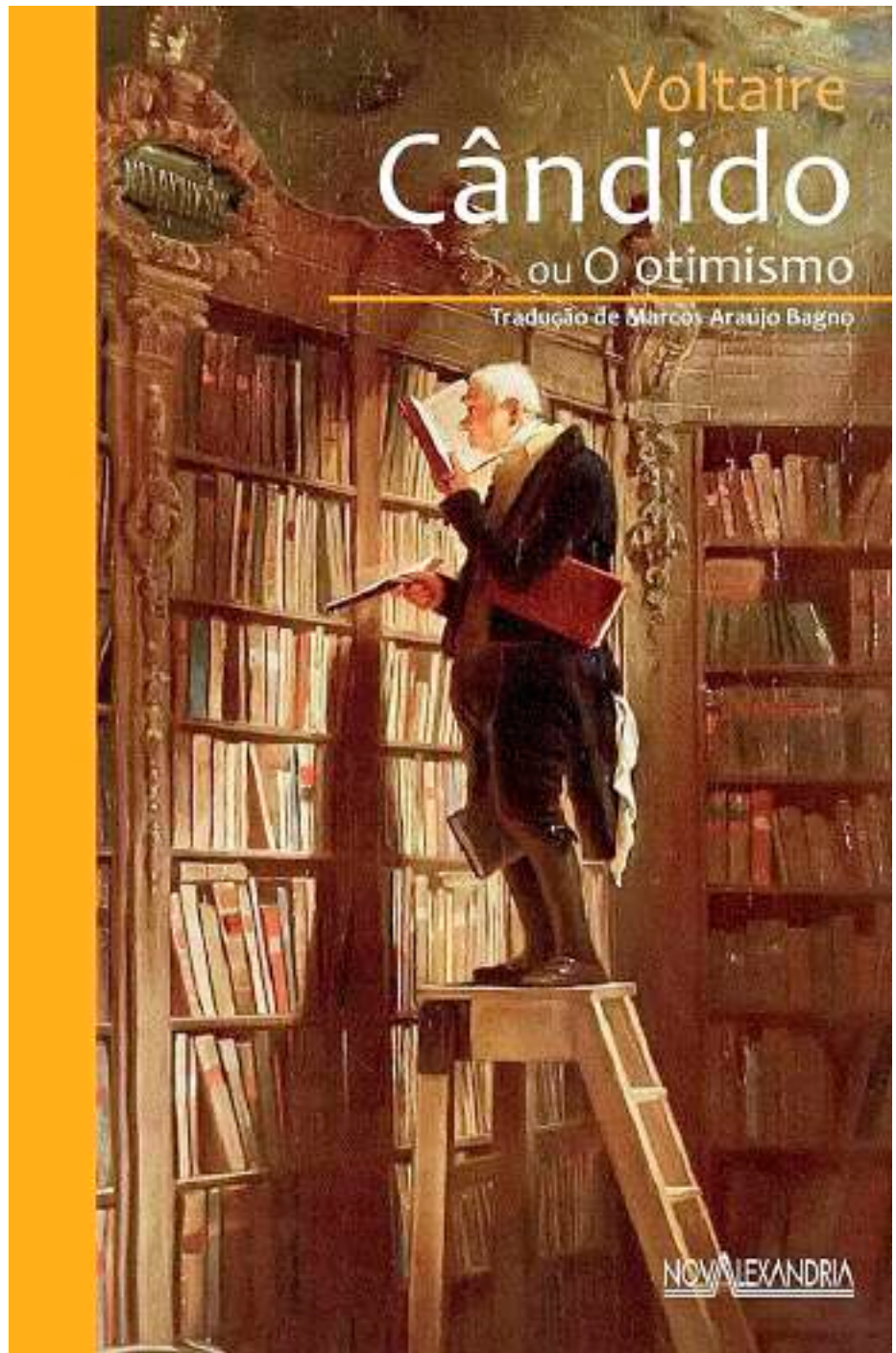
Cândido ou o Otimismo foi escrito por Voltaire¹ e publicado em 1759, no contexto do iluminismo². A obra é considerada um conto filosófico e uma sátira à filosofia do Otimismo, especialmente à teoria de Leibniz, que defendia que “Vivemos no melhor dos mundos possíveis”. Voltaire utiliza humor, ironia e o exagero para criticar ideias filosóficas, sociais e políticas, mostrando, de forma divertida e reflexiva, a crueldade e a injustiça do mundo.

A história acompanha Cândido, um jovem ingênuo que é educado pelo mestre Pangloss, defensor do Otimismo absoluto. Cândido é expulso do Castelo do Barão de Thunder-ten-Tronckh por se apaixonar por Cunégonde e, a partir daí, enfrenta uma série de desgraças: guerras, terremotos, escravidão, doenças e perseguições. Cada episódio é levado a um extremo, deixando claro, de maneira irônica, o contraste entre a filosofia do mestre Pangloss e a realidade dura da vida. Apesar das adversidades, Cândido procura reencontrar Cunégonde e compreender o mundo à sua volta.

Quando li este livro, numa altura em que atravessava momentos menos bons, senti que Voltaire me trouxe uma nova perspectiva em relação ao Otimismo. Apesar de Voltaire criticar o Otimismo, interpretei a obra de uma forma diferente, pois percebi que, mesmo quando tudo parece correr mal, a realidade podia ser pior. Durante a leitura, desenvolvi a ideia de que “alguém sonha a vida NORMAL que nós vivemos” e desde aí pergunto-me se alguma vez reclamei de uma situação menos favorável com razão ou porque apenas tinha liberdade para tal.

O ritmo da narrativa é rápido e dinâmico com acontecimentos inesperados a cada capítulo, é daqueles livros que nos fazem deitar tarde, mesmo tendo de acordar cedo no dia seguinte. A ironia de Voltaire transforma situações extremas e trágicas em momentos de reflexão e humor. Essa combinação faz com que a obra seja marcante, mostrando que a vida, por muito complicada que seja, ainda oferece espaço para ação e para a transformação.

A célebre frase final “Temos de cultivar o nosso jardim” é o desfecho perfeito e icónico desta obra, servindo de lição para que nos



preocupemos apenas com aquilo que podemos controlar – a nós mesmos.

Por todas estas razões, considero Cândido ou o Otimismo uma obra fantástica. A obra mistura humor, aventura e reflexão profunda, permitindo ao leitor questionar a vida, e o mais irónico é que, após esta leitura, me tenha tornado crente do Otimismo. Sem dúvida é dos meus livros preferidos, e recomendo-o a todos que queiram refletir a vida com humor e profundidade em menos de

150 páginas.

1-Em 1759, Voltaire não assinou com o seu próprio nome. Publicou o livro de forma anónima, com a indicação “traduzido do alemão pelo Dr. Ralph”, pseudónimo usado para escapar à censura.

2-Movimento cultural e filosófico europeu no século XVIII que defendia a razão como principal ferramenta para o progresso e a emancipação humana, combatendo o absolutismo.

Gaspar Ferreira



Ester Lourenço aproximou alunos da ciência moçambicana

No passado dia 5 de novembro, a turma do 11.ºA teve o privilégio de assistir a uma conferência apresentada pela Dra. Ester Lourenço, geóloga do Parque Nacional da Gorongosa (PNG), que decorreu no Auditório Carlos Paredes, na Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP).

No âmbito da disciplina de Biologia e Geologia, a Dra. Ester Lourenço, investigadora no Projeto Paleo-Primates, apresentou o seu trabalho aos nossos alunos, tendo dado realce à multidisciplinaridade da equipa que integra no PNG, liderada pela Doutora Susana Carvalho, e à importância dos contributos da geologia, não apenas neste projeto, mas também em diferentes setores da sociedade moçambicana.

A sua paixão pela geologia criou interesse nos alunos que colocaram diversas questões, ficando estes a saber que esta ciência carece de muitos profissionais em Moçambique, por serem fundamentais no setor extrativo, como por exemplo nas áreas de petróleo e gás, rubis, ouro, carvão e terras raras, mas também para desenvolverem investigação que permita perceber o passado geológico e cronoestratigráfico

de Moçambique.

As suas explicações relativas à evolução do Homem e a sua relação com a instalação do Rifte Africano deram origem a interações palestrante-alunos muito interessantes.

Sobre os projetos multidisciplinares que se desenvolvem no

PNG, os nossos alunos ficaram a saber que está prevista a construção do primeiro museu de osteologia no país, assim como da possibilidade de realização de *workshops*, em que os alunos da EPM-CELP poderão vir a participar.



“Os alunos devem sentir-se orgulhosos por frequentarem uma escola de excelência”



O Embaixador de Portugal em Moçambique, Jorge Monteiro, visitou no dia 3 de outubro a Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) e enalteceu, orgulhoso, a excelência da instituição, revelada através da oferta de uma educação de qualidade, de vários projetos – na sua maioria de cooperação – e da difusão e promoção da Língua Portuguesa.

A visita começou no átrio central, com a entoação dos hinos de Moçambique e de Portugal pelos alunos do 3.ºB, do primeiro ciclo do ensino básico, e avançou depois por gabinetes, salas de aula, laboratórios e espaços comuns, onde o embaixador e a sua comitiva foram recebidos com sorrisos, abraços e explicações sobre as várias exposições, projetos e matérias que estavam a ser lecionadas.

Na Biblioteca José Craveirinha, conheceu o funcionamento do projeto “*Mabuko Ya Hina*” pela voz da sua coordenadora,

ficando a saber que a rede integra: 26 escolas no distrito de Maputo, Matola e Matutuíne, 10 no Chibuto, 5 em Inharrime e 6 em Inhambane (Província de Inhambane); 10 na Gorongosa (Província de Sofala); e 10 na Ilha de Moçambique (Província de Nampula); perfazendo 10 bibliotecas escolares e 61 malas de leitura.

Nas salas de aula, Jorge Monteiro interagiu com alunos do primeiro e do terceiro ciclos do ensino básico. Foi neste último que aproveitou para aferir sensibilidades em relação às novas medidas restritivas sobre o uso de telemóveis na escola. Uma aluna respondeu prontamente que a mudança já estava a dar frutos, pois “já temos mais momentos de convivência. Conversamos mais entre nós”.

O percurso levou-o depois ao recreio, onde os abraços se multiplicaram, e ao pré-escolar, que ofereceu um momento simbólico no “Mural da Paz”, criado no âmbito das celebrações do Dia da Paz, que se assinalaria no dia seguinte. O brinde

foi uma canção pela paz, cantada em coro e acompanhada pela guitarra de um educador, enchendo o espaço de música e harmonia.

No sótão, o Embaixador visitou o novo espaço das artes da Escola, a “Alquimia das Artes”, que acolhe a exposição de alunos de Artes Visuais inspirada numa recente visita de estudo ao Camões – Centro Cultural Português em Maputo para fruir a mostra do artista moçambicano Jorge Dias. No mesmo espaço, que une arte e ciência, houve ainda lugar para experiências científicas conduzidas pelos alunos, que desafiaram e surpreenderam a comitiva com criatividade e engenho.

A manhã, feita de desafios, descobertas e afetos, terminou no Gabinete da Diretora com a assinatura do livro de honra pelo Embaixador, sempre acompanhado pelos membros da direção, coordenadores de ciclos, coordenadores de departamento e professores.

Menos ecrãs, mais Escola: O que mudou desde que guardámos os telemóveis



No início deste ano letivo, a Escola Portuguesa de Moçambique deu um passo corajoso — e necessário: implementar a medida de proibição do uso de telemóveis dentro da escola, para todos os anos de ensino.

A decisão, alinhada entre Direção, Professores e Associação de Pais, surgiu como uma medida educativa, promovendo a oportunidade para recuperar o espaço escolar como lugar de convivência, foco e bem-estar.

E passados alguns meses... muita coisa mudou.

O que nos diz a ciência sobre telemóveis, atenção e ansiedade?

A adoção da medida não nasceu do nada. Há anos que organismos internacionais, investigadores e psicólogos (como nós, pais, tantas vezes observamos em casa...) têm alertado para os efeitos do uso excessivo de telemóveis e redes sociais.

Alguns dados relevantes:

- Estudos da *American Psychological Association* mostram que o uso intensivo de smartphone está associado a níveis mais elevados de ansiedade, dispersão e fadiga mental em adolescentes.
- A UNESCO alertou, em 2023, que o uso de telemóveis em contexto escolar está "fortemente ligado à diminuição da concentração, da memória de trabalho e do desempenho académico".
- Investigadores da *London School of Economics* observaram que escolas que limitaram o uso de telemóveis registaram melhorias significativas nos resultados, sobretudo entre alunos com mais dificuldades de concentração.
- Um relatório da *Common Sense Media* revelou que adolescentes desbloqueiam o telemóvel, em média, 144 vezes por dia — criando ciclos de interrupção contínua.
- Os dados são claros: o cérebro jovem tem dificuldade em gerir estímulos constantes. E quando o telemóvel entra na rotina escolar... tudo fica mais rápido, mais ansioso e mais fragmentado.

A escola como espaço de presença e não de distração.

É neste contexto que a medida ganha sentido. A escola deve ser o espaço onde a criança olha nos olhos, cria relações, testa limites saudáveis, aprende a esperar, conversa, discorda, joga, perde e ganha. E isto só acontece quando tiramos o maior estímulo concorrente da equação: o telemóvel. Ao guardar o telemóvel, a escola devolveu aos alunos aquilo que, muitas vezes, falta cá fora: a liberdade de estar.

O que mudou? A comunidade conta.

Encarregada de educação | 10.º ano

"A mudança mais visível acontece nas viagens de carro. Desde que os telemóveis deixaram de fazer parte do dia a dia escolar, a minha filha entra no carro e enche o caminho de conversa e histórias. Antes, o percurso era feito entre 'umhmm', 'sim', 'espera' e risos para o ecrã. Agora, continua a rir — mas eu percebo porque."

Aluno | 3.º ciclo

"Agora conversamos mais, brincamos mais e mexemo-nos mais. Nos intervalos jogamos cartas, UNO e outros jogos em grupo."

Professora Ana Paula Relvas | Português (Ensino Secundário)

"A proibição do uso de telemóveis teve dois impactos claros: nos recreios, os alunos voltaram a conversar e interagir; nas aulas, acabaram as interrupções constantes, permitindo um ambiente de aprendizagem mais tranquilo."

Coordenação do 3.º ciclo e do secundário

"Sem o recurso constante ao mundo virtual, os alunos têm sido levados a reencontrar formas de estar mais humanizadas: conversam mais, brincam mais, riem mais. Ainda há resistências, mas nota-se, gradualmente, a diluição da dependência. Estamos a caminhar para a formação de jovens mais conscientes, mais autónomos e mais preparados para a vida real."

Ler estas palavras de pessoas

tão próximas dos nossos filhos a par das inúmeras informações, estudos e alertas com que todos os dias nos deparamos, reforça a certeza e o nosso orgulho em ter apoiado a decisão que foi tomada pela Direção da Escola Portuguesa de Moçambique. Mas estes relatos são ainda importantes porque trazem vida aos números. Mostram que a medida não é apenas correta em teoria — funciona na prática. Menos distração, mais aprendizagem.

Com menos ecrãs à mão, as rotinas mudaram - recreios mais ativos; participação mais ativa nas aulas; mais autonomia na gestão do tempo.

E há uma melhoria subtil mas profunda: as crianças e adolescentes voltaram a ocupar o intervalo com estar — em vez de deslizar num feed infinito.

Desafios? Sim. E aprendizagem também.

Seria ingénuo dizer que foi simples.

Os mais velhos sentiram mais resistência. Alguns pais tiveram receios legítimos (como questões de segurança). Mas estes desafios estão a ser ultrapassados com diálogo, regras claras e, sobretudo, coerência entre escola e famílias.

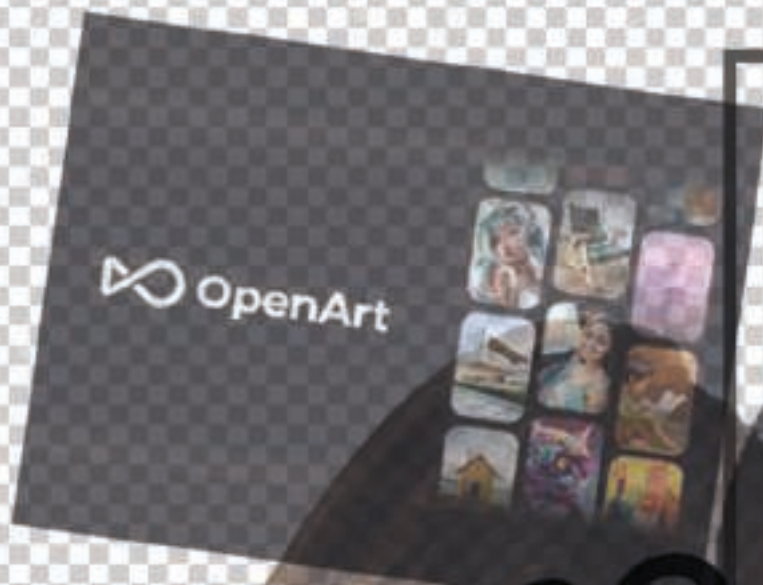
Afinal, estamos a ensinar algo essencial: o telemóvel é uma ferramenta — não um prolongamento do corpo.

O papel de cada um daqui para a frente:

- A escola continuará a garantir um ambiente equilibrado e protegido.
- As famílias podem reforçar esta lógica em casa, com rotinas saudáveis (momentos sem ecrã, horários definidos, áreas da casa livres de telemóvel).
- E os alunos — pouco a pouco — vão desenvolver uma das competências mais importantes da vida moderna: a gestão consciente da tecnologia.

Conclusão – Desligámos o ecrã para ligar a escola. Quando guardamos o telemóvel, libertamos espaço para crescer. E é isso que queremos para os nossos filhos.





 Sunoo



Prompt
PROTOTYPES



Gemini